

OS HOMENZINHOS LIVRES

TERRY PRATCHETT



COLEÇÃO
TEEN
Uma aventura por mês



Capítulo 1



Um *CLANS* bem feito

Há coisas que começam antes de outras coisas. Era um aguaceiro de verão, mas parecia não o saber, e jorrava chuva com a rapidez de uma tempestade de inverno.

A Senhorita Perspicácia Carraça sentava-se no parco abrigo oferecido por um arbusto desmazelado e explorava o universo. Não notou a chuva. As bruxas não demoravam a secar.

A exploração do universo era feita com um par de ramos unidos por cordel, uma pedra com um buraco ao centro, um ovo, uma das meias da Senhorita Carraça, que também tinha um buraco, um alfinete, um pedaço de papel e um minúsculo coto de lápis. Ao contrário dos feiticeiros, as bruxas aprendem a aproveitar o que têm à mão.

Os itens tinham sido atados e torcidos para formar um... engenho. Movia-se de forma estranha quando o tocava. Um dos ramos parecia atravessar o ovo, por exemplo, saindo pelo lado oposto sem deixar marca.

— Sim — disse, em voz baixa, enquanto a chuva lhe escorria pela aba do chapéu. — Ali está. É, sem dúvida, um ondular nas paredes do mundo. Muito preocupante. Talvez haja outro mundo a estabelecer contacto. Isso nunca é bom. Devia ir lá. Mas... de acordo com o meu cotovelo esquerdo, já lá está uma bruxa...

— Ela há de resolver o assunto — disse uma voz minúscula e, por enquanto, misteriosa, vinda algures de um local junto aos seus pés.

— Não, não pode estar certo. Para aquele lado ficam terras de

cré — considerou a Senhorita Carraça. — Não se pode criar uma boa bruxa em cré. É pouco mais duro do que o barro. Uma bruxa exige rocha sólida. Acredita no que te digo. — A Senhorita Carraça abanou a cabeça, projetando gotas de chuva. — Mas os meus cotovelos costumam ser muito fiáveis¹.

— Porquê discutir o assunto? Vamos lá ver — disse a voz. — Não nos estamos a sair muito bem por aqui, pois não?

Era verdade. Os montes não eram bons para bruxas. A Senhorita Carraça ganhava cêntimos com aplicações de medicina e de leitura do azar², dormindo em celeiros na maior parte das noites. Fora lançada a charcos duas vezes.

— Não posso intrometer-me no território de outra bruxa — disse. — Isso nunca funciona. Mas... — Hesitou. — As bruxas não surgem do nada. Vejamos...

Puxou um pires rachado do bolso e mergulhou-o na água que se acumulara no chapéu. Depois, tirou um pequeno frasco de tinta de outro bolso e despejou quantidade suficiente para enegrecer a água.

Aninhou o pires nas mãos para o proteger das gotas de chuva e ouviu o que os olhos lhe diziam.

Tiffany Dores estava deitada de bruços junto ao rio, fazendo cócegas às trutas. Gostava de as ouvir rir. As gargalhadas erguiam-se até à superfície como bolhas.

Um pouco mais longe, onde a margem do rio se transformava numa espécie de praia de seixos, Wentworth, o seu irmão, brincava com um pau e era quase certo que estava a conseguir tornar-se pegajoso.

Qualquer coisa deixava Wentworth pegajoso. Lavado, seco e deixado sobre um chão limpo durante cinco minutos, Wentworth

¹ As pessoas costumam dizer coisas como: «Dá ouvidos ao teu coração», mas as bruxas aprendem a dar ouvidos também a outras coisas. É espantoso o que os nossos rins têm para nos dizer.

² Os adivinhos comuns dizem-nos o que queremos que aconteça. As bruxas dizem-nos o que irá acontecer, quer queiramos ou não. Estranhamente, as bruxas costumam ser mais eficientes, mas menos populares.

ficaria pegajoso. Parecia não vir de parte alguma. Apenas ficava pegajoso. Mas era uma criança fácil de tratar. Desde que fosse impedido de comer rãs.

Havia uma parte pequena do cérebro de Tiffany que não tinha grandes certezas acerca do nome Tiffany. Tinha nove anos e sentia que seria difícil fazer justiça a um nome como Tiffany. Além disso, decidira apenas na semana anterior que queria ser bruxa quando crescesse e estava certa de que o nome Tiffany não funcionaria. As pessoas iriam rir-se.

Outra parte maior do cérebro de Tiffany pensava na palavra «sussurro». Era uma palavra sobre a qual poucas pessoas tinham pensado. Desde sempre. Enquanto os seus dedos acariciavam uma truta por baixo do pescoço, revirou a palavra uma e outra vez na sua cabeça.

Sussurro... de acordo com o dicionário da sua Avó, significava «um som baixo e suave, como um segredar ou um murmúrio». Tiffany gostava do sabor da palavra. Fazia-a pensar em pessoas misteriosas com capas longas, murmurando segredos importantes atrás de uma porta: sussurrosussurross...

Lera o dicionário de ponta a ponta. Ninguém lhe disse que não devia fazê-lo.

Enquanto pensava no assunto, percebeu que a truta alegre nadara para longe. Mas havia mais alguma coisa na água, apenas a centímetros da sua cara.

Era um cesto redondo, do tamanho aproximado de meia casca de coco, revestido com algo que tapasse os buracos e o fizesse flutuar. Um homenzinho com uns quinze centímetros de altura erguia-se sobre ele. Tinha um emaranhado de cabelo vermelho em que tinham sido presas algumas penas, contas e pedaços de tecido. Tinha uma barba vermelha, tão desmazelada como o cabelo. A porção do seu corpo que não estava coberta com tatuagens azuis estava tapada com um *kilt* minúsculo. Acenava-lhe um punho e gritava:

— Diacho! Andor daqui pra fora, sua atoleimada! Cuidado ca cabeça verde!

Com isto, puxou um pedaço de cordel pendurado sobre a borda

do barco e um segundo homenzinho ruivo surgiu à superfície, enchendo os pulmões de ar.

— Na há tempo pra pescar! — disse o primeiro, içando-o para bordo. — A cabeça verde vem aí!

— Diacho! — exclamou o nadador, pingando. — Vamos desandar!

Depois de o dizer, pegou num remo muito pequeno e, com movimentos rápidos para trás e para diante, fez o cesto avançar a grande velocidade.

— Desculpem! — gritou Tiffany. — São fadas?

Mas não houve resposta. O pequeno barco redondo desapareceu entre os juncos.

Era provável que não fossem, decidiu Tiffany.

Depois, para seu profundo deleite, ouviu-se um sussurro. Não havia vento, mas as folhas dos amieiros junto à margem do rio começaram a ondular e a estremecer. O mesmo fizeram os juncos. Não se dobraram. Apenas se tornaram turvos. Tudo se tornou turvo, como se algo tivesse pegado no mundo e o abanasse. O ar silvava. As pessoas segredavam atrás de portas fechadas...

A água começou a fervilhar, imediatamente abaixo da margem. Não era muito profunda ali. Teria chegado apenas aos joelhos de Tiffany se decidisse mergulhar os pés, mas, subitamente, estava mais escura e mais verde. E, de alguma forma, também mais funda.

Deu um par de passos atrás, imediatamente antes de braços longos e magros se projetarem da água, esgatanhando em frenesim a margem, no local onde antes se encontrara. Por um momento, viu uma face estreita com dentes longos e aguçados, enormes olhos redondos e cabelo verde pingando, como se fosse composto por algas. Logo a seguir, a coisa voltou a mergulhar nas profundezas.

Quando a água a cobriu, Tiffany corria já pela margem até à pequena praia onde Wentworth fazia tartes de rã. Ergueu a criança no momento em que um aglomerado de bolhas contornou a curva no leito do rio. Novamente, a água fervilhou e a criatura de cabelo verde ergueu-se, com os braços longos arranhando a lama. A seguir, gritou e voltou a cair dentro de água.

— Quero chichi! — berrou Wentworth.

Tiffany ignorou-o. Observava o rio com uma expressão pensativa. Pensou que não se sentia assustada. Que estranho. Devia sentir-se assustada, mas sentia-se apenas irritada. Ou melhor, conseguia sentir o medo como uma bola incandescente, mas a irritação não o deixava sair.

— O Wenny quer quer quer chichi! — guinchou Wentworth.

— Então faz — disse Tiffany, distraída. As ondas continuavam a golpear a margem.

Era escusado falar a alguém daquilo. Todos diriam: «Que imaginação tem a rapariga», se se sentissem bem-dispostos. Em caso contrário, diriam: «Não inventes histórias!».

Continuava a sentir-se muito irritada. Como se atrevia um monstro a surgir no rio? Especialmente um tão... tão... ridículo! Quem pensava que era?

Aqui está Tiffany, caminhando de volta a casa. Começamos pelas botas. São botas grandes e pesadas, muito remendadas pelo seu pai e tendo pertencido a várias irmãs antes dela. Calça vários pares de meias para manter as botas nos pés. São mesmo muito grandes. Por vezes, Tiffany sente-se apenas uma forma de as botas conseguirem mover-se.

Depois, há o vestido. Pertenceu a muitas irmãs antes dela e foi subido, baixado, alargado e apertado tantas vezes pela sua mãe que o melhor teria sido se o tivesse deitado fora. Mas Tiffany gosta bastante dele. Chega-lhe aos tornozelos e, fosse qual fosse a sua cor original, é agora de um azul leitoso que, por acaso, é exatamente a mesma cor das borboletas que esvoaçam junto ao caminho.

Há também a cara de Tiffany. De um rosa pálido, com olhos e cabelos castanhos. Nada de especial. A sua cabeça poderia parecer, a quem a observasse (num pires de água negra, por exemplo), apenas ligeiramente grande de mais para o resto do corpo, mas talvez passasse com a idade.

Subindo mais e mais, até o caminho se reduzir a uma fita e até Tiffany e o irmão serem apenas dois pequenos pontos, eis a sua terra...

Chamam-lhe Cré. Uma planície verde com colinas que absor-

vem o Sol quente do pino do verão. Do alto, os rebanhos de ovelhas em movimento lento deambulam sobre a erva curta como nuvens sobre um céu verde. Aqui e além, cães pastores correm sobre a erva como cometas.

Depois, os olhos afastam-se. É um longo monte verde, estendendo-se como uma grande baleia no mundo... rodeada pela água tingida no pires.

A Senhorita Carraça ergueu os olhos.

— Aquela criaturinha no barco era um Nac Mac Feegle! — disse. — A mais temida de todas as raças de fadas! Até os trolls fogem dos Homenzinhos Livres! E um deles avisou-a!

— Então é ela a bruxa? — perguntou a voz.

— Com aquela idade? Impossível! — considerou a Senhorita Carraça. — Ninguém a ensinou! Não há bruxas no Cré! É demasiado macio. E, no entanto... não teve medo...

A chuva parou. A Senhorita Carraça observou o Cré, erguendo-se acima das nuvens baixas e torcidas. Estaria a oito quilómetros de distância.

— Esta criança precisa de ser vigiada — disse. — Mas o cré é demasiado macio para gerar uma bruxa...

Só as montanhas eram mais altas do que o Cré. Erguiam-se, aguçadas, roxas e cinzentas, deixando correr longos jorros de neve dos picos mesmo no verão. A Avó Dores chamou-lhes certa vez «noivas do céu» e era tão raro que dissesse alguma coisa, mais ainda que dissesse alguma coisa que não estivesse relacionada com ovelhas, que Tiffany nunca esqueceu. Além disso, estava absolutamente certa. Era isso que as montanhas pareciam no inverno, quando se cobriam de branco e os jorros de neve ondulavam como véus.

A Avó usava palavras antigas e saía-se com ditados antigos e estranhos. Não chamava aos montes Cré. Chamava-lhes «chapada». Na chapada, sopra uma ventania desgraçada, pensara Tiffany. E a palavra ficara-lhe na cabeça.

Chegou à quinta.

As pessoas costumavam ignorar Tiffany. Não havia nada par-

particularmente cruel ou desagradável nisto, mas a quinta era grande e todos tinham as suas tarefas a cumprir e ela cumpria as suas muito bem e, de certa forma, tornava-se invisível. Era a rapariga do leite e era boa nisso. A manteiga que fazia era melhor que a da mãe e as pessoas comentavam o jeito que tinha para o queijo. Era um talento. Por vezes, quando os professores viandantes vinham à aldeia, procurava-os e obtinha alguma educação. Mas a maior parte do tempo era passada com o trabalho na leitaria, que era escura e fria. Agradava-lhe. Significava que fazia alguma coisa pela quinta.

Chamavam-lhe A Nossa Quinta. O seu pai alugava-a ao Barão, que era o proprietário da terra, mas os Dorez tinham-na trabalhado há séculos e, por isso, o pai dizia (em voz baixa, às vezes, depois de beber uma cerveja ao serão) que, tanto quanto a terra sabia, os seus donos eram os Dorez. A mãe de Tiffany costumava dizer-lhe para não falar assim, apesar de o Barão se mostrar sempre muito respeitador do Senhor Dorez, desde a morte da Avó, dois anos antes, chamando-lhe o melhor pastor das montanhas, e a gente da aldeia começara a vê-lo como não sendo demasiado mau. A mãe de Tiffany dizia que compensava ser respeitador e o pobre homem tinha já outros problemas.

Mas, por vezes, o seu pai insistia que os Dorez (ou Dorez, Dors, Dorris ou Dorres – a grafia sempre fora opcional) eram referidos em documentos antigos sobre a região há centenas e centenas de anos. Tinham os montes no sangue, dizia, e sempre tinham sido pastores.

Tiffany sentia-se muito orgulhosa disto, de uma forma estranha, porque também pode ser bom sentir orgulho de antepassados que viajaram de um sítio para o outro ou que experimentaram coisas novas de vez em quando. Mas é preciso sentir orgulho de alguma coisa. E, desde que se lembrava, sempre ouvira o pai, um homem que costumava ser discreto e calmo, contar a Piada, a que teria sido passada de Dorez em Dorez durante séculos.

Dizia: «Mais um dia de trabalho e continuo com Dorez» ou «Acordo com Dorez e adormeço com Dorez» ou mesmo «Tenho Dorez por todo o lado». Não eram particularmente engraçadas à ter-

ceira vez, mas sentir-lhes-ia a falta se não dissesse pelo menos uma por semana. Não precisavam de ter piada. Eram piadas de pai. De qualquer forma, independentemente de como escrevessem o nome, todos os seus antepassados tinham sido Dores para ficar e não para partir.

Não havia ninguém na cozinha. A mãe teria ido ao curral da tosquia levar o almoço aos homens que se ocupavam da tosquia naquela semana. As suas irmãs, Hannah e Fastídia, também lá estariam, arrumando lã e lançando olhares aos homens mais jovens. Mostravam-se sempre muito dispostas a trabalhar durante a tosquia.

Perto do grande fogão enegrecido, ficava a prateleira que continuava a ser referida como Biblioteca da Avó Dores pela mãe, a quem agradava a ideia de ter uma biblioteca. Todos os outros lhe chamavam a Prateleira da Avó.

Era uma prateleira pequena porque os livros cabiam todos entalados entre um frasco de gengibre cristalizado e a pastora de porcelana que Tiffany ganhara numa feira quando tinha seis anos.

Havia apenas cinco livros, não contando com o grande diário da quinta, que, na opinião de Tiffany, não contava como livro a sério porque tinham de ser as pessoas a escrevê-lo. Havia o dicionário. Havia o Almanake, que era mudado todos os anos. A seu lado, ficava «Doenças das Ovelhas», tornado mais espesso com os marcadores que a Avó colocara entre as páginas.

A Avó Dores fora uma especialista em ovelhas, mesmo que lhes chamasse «apenas sacos de ossos, olhos e dentes, à procura de novas maneiras de morrer». Os outros pastores percorriam quilómetros para lhe pedir que viesse curar as maleitas do seu gado. Diziam que ela tinha o Toque, apesar de a Avó se limitar a dizer que o melhor remédio para ovelhas e homens era uma dose de terebintina, um bom insulto e um pontapé. Pedacos de papel com as receitas da Avó para curas de ovelha estendiam-se para fora do livro. A maioria envolvia terebintina, mas algumas incluíam insultos.

Junto ao livro sobre ovelhas, havia um pequeno volume chamado «Flores do Cré». A turfa dos montes estava repleta de flores minúsculas e complicadas, como primaveras e campainhas, e outras ainda

mais pequenas que, de alguma forma, sobreviviam aos ruminantes. No Cré, as flores precisavam de ser resistentes e astutas para sobreviverem às ovelhas e aos nevões do inverno.

Alguém pintara os desenhos das flores há muito tempo. Na folha de guarda do livro, lia-se em caligrafia cuidada «Sarah Grisalho», que fora o nome da Avó antes de se casar. Talvez tivesse achado que Dores conseguia ser melhor do que Grisalho.

Por fim, havia o «Livvro de Conntos de Phadas das Crianssas Sennsattas», tão antigo que provinha de uma época em que as consoantes duplas eram muito mais comuns.

Tiffany subiu para uma cadeira e retirou-o. Voltou as páginas até encontrar a que procurava, demorando-se a fitá-la por um momento. Depois, recolocou o livro no sítio, arrumou a cadeira e abriu o armário da louça.

Encontrou um prato de sopa, foi até uma gaveta, retirou a fita métrica que a mãe usava para fazer vestidos e mediu o prato.

— Hmm... — disse. — Vinte centímetros. Porque não disseram logo?

Foi buscar a frigideira maior, a que permitia cozinhar ao mesmo tempo o pequeno-almoço de mais de uma dúzia de pessoas e retirou alguns doces de um frasco do armário, colocando-os num velho saco de papel. Depois, para espanto de um Wentworth abatido, pegou-lhe na mão pegajosa e pôs-se a caminho do regato.

As coisas continuavam a parecer muito normais lá em baixo, mas não se deixaria enganar por isso. Todas as trutas tinham fugido e os pássaros não cantavam.

Encontrou um local na margem com arbustos do tamanho certo. Depois, cravou um pedaço de madeira no chão com toda a sua força, junto à água, e prendeu-lhe o saco de doces.

— Docinhos, Wentworth — gritou.

Segurou a frigideira e escondeu-se atrás do arbusto.

Wentworth cambaleou até aos doces e tentou erguer o saco. Não se movia.

— Quero chichi! — berrou, por ser uma ameaça que costumava funcionar. Os seus dedos gordos debateram-se com os nós.

Tiffany observava a água com cuidado. Estaria a ficar mais es-

cura? Estaria a ficar mais verde? Seriam apenas limos ali em baixo? Aquelas bolhas seriam apenas uma truta a rir-se?

«Não.»

Saiu do esconderijo a correr, movendo a frigideira como um bastão. O monstro que se ergueu da água, com um rugido, embateu contra a frigideira que se movia em sentido contrário com um *clang*.

Foi um bom *clang*, com o *oioioioioioioimnnnnngggggggg* que é o sinal de um *clang* bem feito.

A criatura pairou por um momento, com alguns dentes e pedaços de alga verde caindo sobre a água. Depois, deslizou lentamente e afundou-se com bolhas enormes.

A água clareou e tornou-se novamente o velho rio, raso e gélido, atapetado com seixos.

— Quero quero docinhos! — gritou Wentworth, que nunca via mais nada em presença de doces.

Tiffany desatou o cordel e passou-lhe os doces. Ele comeu-os demasiado depressa, como sempre fazia quando comia doces. Ela esperou até ele se sentir enjoado e depois regressou a casa num estado de espírito pensativo.

Nos juncos, muito em baixo, vozes pequenas segredaram:

— Diacho, Pequeno Bobby. Na viste aquilo?

— Pois vi. Vamos desandar e dizer ao Grandalhão que encontramos a bruxa.

A Senhorita Carraça corria pela estrada empoeirada acima. As bruxas não gostam de ser vistas a correr. Parece pouco profissional. Também não é de bom-tom serem vistas a carregar coisas e ela levava a tenda às costas.

Além disso, deixava atrás de si um rasto de nuvens de vapor. As bruxas secam de dentro para fora.

— Tinha aqueles dentes todos! — disse a voz misteriosa, desta vez, falando de dentro do seu chapéu.

— Eu sei! — replicou a Senhorita Carraça.

— E ela bateu-lhe!

— Sim. Eu sei.

— Sem mais nem menos!

— Sim. Muito impressionante — considerou a Senhorita Carraça. Começava a ficar sem fôlego. E estavam já nas primeiras encostas dos montes e não sabia lidar com o cré. Uma bruxa viandante aprecia terra firme por baixo dos seus pés, não uma rocha tão macia que se pode cortar com uma faca.

— Impressionante? — repetiu a voz. — Usou o irmão como isco!

— Espantoso, não foi? — disse a Senhorita Carraça. — Muito bem pensado... ó, não... — Parou de correr e encostou-se ao muro em redor de um campo de cultivo enquanto uma tontura a dominava.

— Que foi? O que está a acontecer? — quis saber a voz do chapéu. — Quase caí!

— É este maldito cré! Já começo a senti-lo! Posso fazer magia em terreno honesto e a rocha nunca me dá problemas. Nem sequer sou má no barro... mas o cré não é uma coisa nem outra! Sabes que sou muito sensível à geologia.

— O que estás a tentar dizer-me? — perguntou a voz.

— Cré... é um tipo de terreno faminto. Não tenho grandes poderes no cré.

O proprietário oculto da voz disse:

— Vais cair para o lado?

— Não, não! Mas a magia não funciona...

A Senhorita Carraça não se parecia com uma bruxa. A maioria das bruxas não se parecia com bruxas, pelo menos as que andavam de terra em terra. Parecer uma bruxa pode ser perigoso quando se viaja entre gente pouco instruída. E, por esse motivo, não usava joalharia de temática oculta, não trazia uma faca mágica reluzente ou um cálice de prata enfeitado com um padrão de crânios em redor. Ou uma vassoura que soltasse faíscas. Todos estes elementos constituíam pequenos indícios de que poderia haver uma bruxa por perto. Nos seus bolsos nunca havia nada mais mágico do que alguns ramos, talvez um pedaço de cordel, uma ou duas moedas e, claro, um amuleto.

Todas as pessoas em redor traziam amuletos e a Senhorita Carraça percebeu que alguém que não trouxesse um levantaria suspeitas de ser uma bruxa. Ser bruxa exigia astúcia.

A Senhorita Carraça tinha, realmente, um chapéu pontiagudo,

mas era discreto e apenas se tornava pontiagudo quando a proprietária o desejava.

A única coisa no seu saco que poderia ter deixado alguém desconfiado era uma pequena e encardida brochura intitulada «Uma Introdução ao Escapismo» e escrita pelo Grande Williamson. Se um dos riscos da profissão era ser atirada a um lago com as mãos atadas, a capacidade de nadar trinta metros debaixo de água completamente vestida e a capacidade de ficar submersa no canavial, respirando por uma cana oca, não servem de nada se não se for também muito talentosa como nós.

— Não podes fazer magia aqui? — perguntou a voz no chapéu.

— Não, não posso — respondeu a Senhorita Carraça.

Voltou o olhar para um tilintar. Um estranho cortejo subia a estrada branca. Era composto maioritariamente por burros puxando pequenas carroças com coberturas pintadas de cores berrantes. Havia gente a caminhar ao lado das carroças, coberta de pó até à cintura. Eram sobretudo homens, vestiam túnicas garridas (ou, pelo menos, túnicas que tinham sido garridas antes de serem arrastadas por lama e pó durante anos) e cada um deles envergava um estranho chapéu preto e quadrado.

A Senhorita Carraça sorriu.

Pareciam latoeiros, mas sabia que nenhum deles saberia remendar uma chaleira. O que faziam era vender coisas invisíveis. E, depois de venderem a sua mercadoria, continuavam a possuí-la. Vendiam aquilo de que todos precisavam, mas, muitas vezes, que ninguém queria. Vendiam a chave do universo a gente que nem sequer sabia que o universo estava trancado.

— Não posso fazer — disse a Senhorita Carraça, endireitando-se. — Mas posso ensiná-la.

Tiffany passou o resto da manhã a trabalhar na leitaria. Havia queijo que precisava de ser feito.

Havia pão e compota para o almoço. Ouviu a mãe dizer:

— Os professores vêm à povoação hoje. Podes ir, se tiveres acabado as tarefas.

Tiffany concordou que havia uma ou duas coisas acerca das quais gostaria de saber mais.

— Então podes levar meia dúzia de cenouras e um ovo. De certeza que precisarão de um ovo, pobrezinhos — disse a sua mãe.

Tiffany levou tudo com ela depois do almoço e foi em busca da educação que poderia comprar com um ovo.

A maioria dos rapazes da aldeia acabava por ter os mesmos ofícios dos pais ou, pelo menos, algum outro ofício na aldeia, onde o pai de alguém os ensinaria enquanto trabalhavam. Das raparigas esperava-se que se tornassem esposas de alguém. Também se esperava que soubessem ler e escrever, atividades consideradas fáceis e domésticas, demasiado delicadas para os rapazes.

No entanto, também se acreditava que havia algumas outras coisas que até os rapazes deviam saber, para os impedir de perderem tempo a preocupar-se com questões como «O que há do outro lado das montanhas?» e «Porque cai a chuva do céu?».

Todas as famílias da aldeia compravam uma cópia do Almanake todos os anos e obtinham daí algum tipo de educação. Era grande, grosso e impresso nalgum sítio longínquo. Continha muitos pormenores sobre coisas como as fases da Lua e o momento certo para semear feijões. Continha também algumas profecias sobre o ano vindouro e referia sítios distantes com nomes como Klatch e Hersheba. Tiffany vira um desenho de Klatch no Almanake. Mostrava um camelo no deserto. Só soube o que eram as duas coisas porque a mãe lho dissera. E era assim Klatch. Um camelo no deserto. Pensou se não haveria algo mais, mas parecia que «Klatch camelo, deserto» era tudo o que as pessoas sabiam.

E era esse o problema. Sem uma forma de encerrar o assunto, as pessoas não paravam de fazer perguntas.

Era nisso que os professores se tornavam úteis. Bandos deles vagueavam pelas montanhas, juntamente com latoeiros, ferreiros ambulantes, especialistas em medicina milagrosa, vendedores de panos, videntes e todos os outros viandantes que vendiam coisas de que as pessoas não precisavam diariamente, mas que consideravam ter utilidade ocasional.

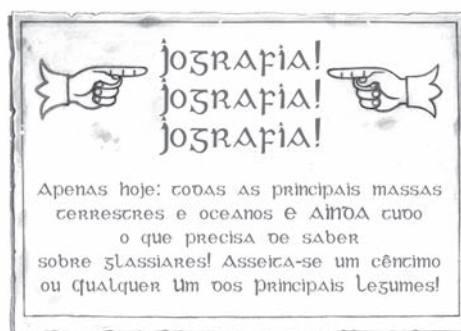
Iam de aldeia em aldeia, ministrando lições curtas sobre muitas

matérias. Mantinham-se afastados dos outros nómadas e eram muito misteriosos com as suas túnicas esfarrapadas e estranhos chapéus quadrados. Usavam palavras complicadas como «ferro ondulado». Tinham vidas duras, sobrevivendo com a comida que ganhassem com as suas lições, dadas a quem aceitasse ouvi-los. Quando ninguém ouvia, viviam de ouriço-cacheiro assado. Dormiam a coberto das estrelas, que os professores de Matemáticas contavam, os professores de Astronomia mediam e os professores de Literatura batizavam. Os professores de Geografia perdiam-se na floresta e caíam em armadilhas para ursos.

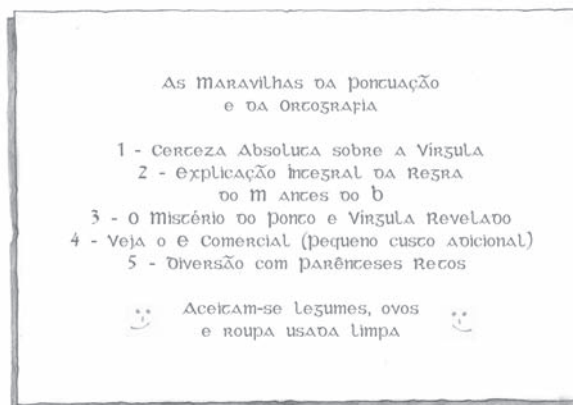
As pessoas costumavam alegrar-se com a sua vinda. Ensinavam às crianças o suficiente para as calar e era isso o que mais importava, afinal. Mas era sempre necessário expulsá-los das aldeias antes do anoitecer para impedir que roubassem galinhas.

Naquele dia, as bancas e tendas garridas estavam montadas num campo fora da aldeia. Por trás, pequenos quadrados tinham sido delimitados com paredes altas de lona e eram patrulhados pelos aprendizes de professor, procurando quem tentasse ouvir Educação sem pagar.

A primeira tenda que Tiffany viu tinha uma placa dizendo:



Tiffany lera o suficiente para saber que, ainda que fosse um génio em principais massas terrestres, aquele professor em particular podia ter sido ajudado pelo homem que geria a barraca seguinte:



A banca seguinte estava decorada com cenas históricas, representando maioritariamente reis a cortar a cabeça uns dos outros e outros acontecimentos interessantes. O professor diante dela estava vestido com uma túnica esfarrapada vermelha, com aplicações de pelo de coelho e uma velha cartola com bandeiras espetadas. Segurava um pequeno megafone e apontou-o a Tiffany.

— A Morte de Reis ao Longo das Eras? — disse. — Muito educativo, carradas de sangue!

— Nem por isso — retorquiu Tiffany.

— Ó! Mas tem de saber de onde vem, menina — disse o professor. — De outra forma, como saberá para onde vai?

— Venho de uma longa linhagem de Dores — disse Tiffany. — E acho que vou em frente.

Descobriu o que procurava numa barraca decorada com desenhos de animais, incluindo (o que muito lhe agradou) um camelo.

A placa dizia: **Criaturas Úteis. Hoje, o Ouriço-Cacheiro, Nosso Amigo.**

Pensou na utilidade da coisa que vira no rio, mas aquele parecia ser o único sítio onde poderia descobrir. Algumas crianças esperavam nos bancos dentro da barraca pelo início da lição, mas o professor continuava à porta, com a esperança de preencher os espaços vazios.

— Olá, rapariguinha — disse, sendo esse o seu primeiro grande erro. — De certeza que gostarias de aprender tudo sobre ouriços-cacheiros, não?

— Ouvi esta lição no verão passado — retorquiu Tiffany.
O homem olhou-a com maior atenção e o seu sorriso desapareceu.

— Ah. Sim — disse. — Lembro-me. Fizeste todas aquelas... perguntinhas.

— Também tenho uma pergunta hoje — disse Tiffany.

— Desde que não seja aquela sobre como se fazem os ouriços-cacheiros bebés — disse o homem.

— Não — continuou Tiffany, pacientemente. — É sobre zoologia.

— Zoologia, há? É uma palavra cara.

— Não, nem por isso — disse Tiffany. — «Condescendência» é uma palavra cara. «Zoologia» é muito barata.

O professor estreitou ainda mais os olhos. Crianças como Tiffany não lhe agradavam.

— Vejo que és esperta — disse. — Mas não conheço professores de Zoologia por aqui. De Vetrinária sim, mas de Zoologia não. Interessa-te algum animal em particular?

— A Jenny Dentes-Verdes. Um monstro aquático com grandes dentes, garras e olhos como pratos de sopa — respondeu Tiffany.

— Pratos de sopa de que tamanho? Falas grandes, dos que levam uma porção completa, ou referes-te à pequena malga a que terias direito, por exemplo, se pedisses apenas uma sopa e uma salada?

— Refiro-me aos pratos de sopa com vinte centímetros de diâmetro — disse Tiffany, que nunca tinha pedido uma sopa e uma salada algures em toda a sua vida. — Verifiquei.

— Hmm... É intrigante — disse o professor. — Acho que não conheço esse. De certeza que não será útil. Isso sei. Parece inventado.

— Sim, foi o que pensei — concordou Tiffany. — Mas, seja como for, gostava de saber mais sobre ele.

— Podes tentar falar com ela. É nova.

O professor apontou com o polegar para uma pequena tenda ao fundo da fila. Era preta e de pano bastante coçado. Não havia cartazes nem vestígios de pontos de exclamação.

— Que ensina ela? — perguntou Tiffany.

— Não sei dizer — respondeu o professor. — Diz que ensina a

pensar, mas não sei como se pode ensinar tal coisa. Uma cenoura, por favor.

Quando se aproximou, Tiffany viu uma pequena placa presa ao exterior da tenda. Dizia, em letras que sussurravam em vez de gritar:

«posso ensinar-te uma lição que
não esquecerás tão cedo.»

Capítulo 2



SENHORITA CARRAÇA

Tiffany leu a placa e sorriu.

— Aha — disse. Não havia nada a que pudesse bater e, por isso, acrescentou em voz mais alta: — Truz-truz.

Uma voz feminina respondeu-lhe do interior:

— Quem é?

— A Tiffany — respondeu Tiffany.

— A Tiffany quem? — quis saber a voz.

— A Tiffany que não está a fazer piadas de «truz-truz».

— Ah. Parece-me promissor. Entra.

Tiffany afastou a aba. O interior da tenda estava escuro e também abafado e quente. Uma figura magra sentava-se atrás de uma pequena mesa. Tinha um nariz fino e muito pontiagudo e usava um grande chapéu negro de palha com flores de papel. Não se adequava nada a uma cara como aquela.

— É uma bruxa? — perguntou Tiffany. — Não me importo se for.

— Que pergunta estranha para se fazer a alguém de rompante — considerou a mulher, parecendo ligeiramente chocada. — O teu Barão baniu as bruxas nesta terra. Sabe-lo bem. E a primeira coisa que me dizes é: «É uma bruxa?». Porque seria eu uma bruxa?

— Porque está toda vestida de preto — respondeu Tiffany.

— Qualquer pessoa se pode vestir de preto — argumentou a mulher. — Não quer dizer nada.

— E tem um chapéu de palha com flores — prosseguiu Tiffany.

— Aha! — exclamou a mulher. — Então está provado. Todas as bruxas usam chapéus pontiagudos. Qualquer pessoa sabe isso, criança tola.

— Sim, mas as bruxas também são muito espertas — disse Tiffany, calmamente. Havia algo no brilho dos olhos da mulher que a motivava a continuar. — Escondem-se. É provável que, muitas vezes, nem sequer se pareçam com bruxas. E uma bruxa que aqui viesse conheceria a lei do Barão e usaria o tipo de chapéu que toda a gente sabe que as bruxas não usam.

A mulher fitou-a.

— Foi um raciocínio incrível — disse, por fim. — Darias uma excelente caçadora de bruxas. Sabes que costumavam queimá-las? Independentemente do chapéu que tenha na cabeça, dirias que prova que sou uma bruxa, não é?

— Bom, a rã sentada no chapéu também é uma pista — disse Tiffany.

— Por acaso, sou um sapo — disse a criatura, que espreitava Tiffany por entre as flores de papel.

— És muito amarelo para seres um sapo.

— Tenho estado adoentado — justificou o sapo.

— E falas — referiu Tiffany.

— Só porque me ouviste — disse o sapo, desaparecendo entre as flores de papel. — Não podes provar nada.

— Por acaso, não trazes fósforos? — disse a mulher, dirigindo-se a Tiffany.

— Não.

— Ótimo, ótimo. Estava só a conferir.

Novamente, houve uma pausa enquanto a mulher observava longamente Tiffany, como se tentasse decidir qualquer coisa.

— O meu nome — disse, finalmente — é Senhorita Carraça. E sou uma bruxa. É um bom nome para uma bruxa, claro.

— Refere-se ao parasita sugador de sangue? — perguntou Tiffany, enrugando a testa.

— Desculpa? — disse a Senhorita Carraça, friamente.

— Carraças — explicou Tiffany. — As ovelhas ganham carraças. Mas, se usarmos terebintina...

— Queria dizer que é um nome que suga misticismo³ — disse a Senhorita Carraça.

— Ah. Era um *trocadelho*, um jogo de palavras — disse Tiffany⁴. — Nesse caso, seria melhor se fosse Sra. Pulga, porque soa melhor ao ouvido, ou até Sra. Mosquito porque...

— Vejo que nos vamos entender como uma pilha de madeira e uma labareda — disse a Senhorita Carraça. — Não haverá sobreviventes.

— É mesmo uma bruxa?

— Ó, por favor — exclamou a Senhorita Carraça. — Sim, sou uma bruxa. Tenho um animal falante, uma tendência para corrigir a pronúncia dos outros (a propósito, é «trocadilho» que se diz) e um fascínio por meter o nariz em assuntos alheios. E sim, também tenho um chapéu pontiagudo.

— Posso ativar a mola? — perguntou o sapo.

— Sim — respondeu a Senhorita Carraça, mantendo os olhos em Tiffany. — Podes ativar a mola.

— Gosto de ativar a mola — confessou o sapo, arrastando-se para o lado oposto do chapéu.

Ouviu-se um clique e um *taap-taap* arrastado enquanto o centro do chapéu se erguia lentamente e de forma insegura sobre as flores de papel, que caíram.

— Hmm... — disse Tiffany.

— Tens uma pergunta? — perguntou a Senhorita Carraça.

Com um último *plop*, o topo do chapéu formou um bico perfeito.

— Como sabe que não fugirei agora mesmo para avisar o Barão? — perguntou Tiffany.

— Porque não sentes a mínima vontade de o fazer — respondeu a Senhorita Carraça. — Estás absolutamente fascinada. Queres ser uma bruxa, não é? É provável que queiras voar sobre uma vassoura, não?

³ Trocadilho intraduzível entre o nome original da personagem, *Miss Tick*, e a palavra *Mystic*. (N. do T.)

⁴ Tiffany lia muitas palavras no dicionário que nunca ouvira pronunciadas e, por vezes, tinha de adivinhar a pronúncia correta.

— Ó, sim! — Sonhara frequentemente que voava. As palavras seguintes da Senhorita Carraça trouxeram-na de volta à terra.

— A sério? Agrada-te usar roupa interior muito grossa? Acredita em mim. Se tiver de voar, uso dois pares de roupa interior de lã e uma capa de lona por fora. Posso dizer-te que não são nada femininas, por mais que as decore com renda. O frio lá em cima é um assunto sério. As pessoas esquecem-se disso. E, depois, há as cerdas da vassoura. Não me faças perguntas sobre as cerdas. Não falarei delas.

— Não pode usar um feitiço de agasalho? — perguntou Tiffany.

— Poderia. Mas uma bruxa não faz esse tipo de coisa. Quando temos de usar magia para nos mantermos quentes, vamos começar a usá-la para outros fins.

— Mas não é isso que uma bruxa deve... — começou Tiffany.

— Quando aprenderes magia, quando aprenderes magia a sério, quando souberes tudo o que se pode ensinar sobre a magia, faltar-te-á aprender a lição mais importante — explicou a Senhorita Carraça.

— E qual é?

— Não a usar. As bruxas não usam magia a não ser que tenham de o fazer. É trabalhosa e difícil de controlar. Fazemos outras coisas. Uma bruxa presta atenção a tudo o que se passa. Uma bruxa usa a cabeça. Uma bruxa é segura. Uma bruxa tem sempre um pedaço de cordel...

— Eu tenho sempre um pedaço de cordel! — disse Tiffany. — É sempre útil!

— Ótimo. Apesar de a bruxaria não se esgotar no cordel. Uma bruxa maravilha-se com pequenos pormenores. Uma bruxa vê através das coisas e à volta das coisas. Uma bruxa vê mais longe do que a maioria. Uma bruxa vê as coisas do outro ângulo. Uma bruxa sabe onde está e quando está. Uma bruxa veria a Jenny Dentes-Verdes — acrescentou. — O que aconteceu?

— Como sabe que vi a Jenny Dentes-Verdes?

— Sou uma bruxa. Podes adivinhar — respondeu a Senhorita Carraça.

Tiffany olhou em redor. Não havia muito para ver na tenda, mesmo depois de os seus olhos se habituarem à penumbra. Os sons do mundo exterior penetravam o pano grosso.

— Acho que...
— Sim? — disse a bruxa.
— Acho que me ouviu enquanto contava ao professor.
— Correto. Limitei-me a usar os ouvidos — disse a Senhorita Carraça, não dizendo nada sobre pires de tinta. — Fala-me desse monstro com olhos do tamanho de pratos de sopa do tipo que mede vinte centímetros de diâmetro. Que relação tem com pratos de sopa?
— O monstro é referido num livro de histórias que tenho — explicou Tiffany. — Dizia que a Jenny Dentes-Verdes tem olhos do tamanho de pratos de sopa. Há uma ilustração, mas não é boa. Por isso, medi um prato de sopa para poder descrevê-la com exatidão.

A Senhorita Carraça apoiou o queixo na mão e esboçou a Tiffany um sorriso estranho.

— Fiz bem, não fiz? — quis saber Tiffany.

— O quê? Ó, sim. Sim. Hmm... sim. Muito... exato. Continua.

Tiffany contou-lhe a luta com Jenny, mas sem referir Wentworth, receando que a Senhorita Carraça se comportasse com estranheza. A bruxa continuou a ouvir atentamente.

— Porquê a frigideira? — perguntou. — Podias ter procurado um pau.

— Uma frigideira pareceu-me melhor ideia — respondeu Tiffany.

— Ah! E foi. A Jenny ter-te-ia comido se usasses um pau. Uma frigideira é feita de ferro. Criaturas dessa natureza não suportam o ferro.

— Mas é um monstro de um livro de histórias! — disse Tiffany.
— Porque apareceu no nosso pequeno regato?

A Senhorita Carraça fitou Tiffany por um momento e acabou por perguntar:

— Porque queres ser uma bruxa, Tiffany?

Começara com o «Livvro de Conntos de Phadas das Crianssas Sennsattas». Ou melhor, teria provavelmente começado com muitas coisas, mas sobretudo com as histórias.

A mãe lia-lhas quando era pequena e, depois, começou a lê-las sozinha. E todas as histórias tinham, algures, uma bruxa. *A bruxa velha e má.*

E Tiffany pensara: Onde estão as provas?

As histórias nunca diziam porque era má. Bastava ser velha, bastava estar sozinha, bastava ter uma aparência estranha por não ter dentes. Bastava que alguém lhe chamasse «bruxa».

Nesse sentido, o livro nunca apresentava provas de nada. Falava de «um príncipe garboso»... Seria mesmo garboso ou as pessoas apenas diriam que sim por ser um príncipe? Quanto a «uma rapariga tão bela como o dia era longo»... bom... que dia? No solstício de inverno, quase nem clareava! As histórias não queriam que o leitor pensasse. Queriam apenas que acreditasse no que era contado...

E contava-se que a bruxa velha vivia sozinha numa estranha cabana feita de pão de gengibre ou movendo-se sobre pés de galinha gigantes, e que conseguia falar com animais e fazer magia.

Tiffany apenas conhecera uma velha que vivia sozinha numa cabana estranha...

Bom... não. Não era exatamente verdade. Mas apenas conhecera uma velha que vivia numa casa estranha que mudava de sítio: a Avó Dores. E conseguia fazer magia, magia de ovelhas, e falava com os animais e não havia nela nada de maldoso. Isso provava que as histórias não eram dignas de confiança.

E houvera a outra velha, a que todos diziam ser uma bruxa. E o que lhe acontecera deixou Tiffany muito... pensativa.

Fosse como fosse, preferia as bruxas aos arrogantes príncipes garbosos e, acima de tudo, às estúpidas princesas sorridentes, mais estúpidas do que um besouro. Também tinham cabelo dourado encantador e Tiffany não. O seu cabelo era castanho. Apenas castanho. A mãe dizia que tinha cabelo cor de avelã ou, por vezes, acobreado, mas Tiffany sabia que era castanho, castanho, castanho, tal como os seus olhos. Castanhos como a terra. E o livro contava aventuras de pessoas com cabelo e olhos castanhos? Não, não, não... Eram os louros de olhos azuis e os ruivos de olhos verdes que entravam nas histórias. Quem tivesse cabelo castanho seria provavelmente um criado, um lenhador ou alguma coisa parecida. Ou uma leiteira. E isso não aconteceria, mesmo que tivesse muito talento para fabricar queijo. Não podia ser a princesa e não queria ser um lenhador. Por isso, seria a bruxa e saberia coisas, como a Avó Dores...

— Quem era a Avó Dores? — perguntou uma voz.

Quem era a Avó Dores? As pessoas começavam a perguntá-lo. E a resposta era: a Avó Dores era quem estava presente. Estava sempre presente. Parecia que as vidas de todos os Dores giravam em torno da Avó Dores. Na aldeia, tomavam-se decisões e faziam-se coisas. A vida prosseguia com a consciência de que, na sua velha cabana de pastora com rodas nos montes, a Avó Dores estava presente, observando.

E era o silêncio dos montes. Talvez fosse por isso que gostava de Tiffany, do seu modo de ser estranho e hesitante. As irmãs mais velhas falavam demasiado e a Avó não apreciava o ruído. Tiffany não fazia qualquer ruído quando visitava a cabana. Apenas adorava estar lá. Observava os bútiós e ouvia o som do silêncio.

Lá no alto, o silêncio tinha um som. Ruídos, vozes de gente e animais elevavam-se até aos montes e, de alguma forma, tornavam o silêncio profundo e complexo. E a Avó Dores rodeava-se deste silêncio e deixava espaço no interior para Tiffany. A vida na quinta era sempre demasiado atarefada. Havia muita gente com muita coisa para fazer. Não havia tempo suficiente para o silêncio. Não havia tempo para ouvir. Mas a Avó Dores permanecia em silêncio e ouvia constantemente.

— O quê? — perguntou Tiffany, pestanejando.

— Acabas de dizer: «A Avó Dores ouvia-me constantemente» — disse a Senhorita Carraça.

Tiffany engoliu em seco.

— Acho que a minha Avó podia ser ligeiramente uma bruxa — respondeu, com uma pontada de orgulho.

— A sério? Como sabes?

— Bom... as bruxas conseguem rogar pragas, não é? — perguntou Tiffany.

— É o que dizem — respondeu a Senhorita Carraça, de forma muito diplomática.

— Bom... o meu pai diz que a Avó Dores rogava pragas a torto e a direito — disse Tiffany.

A Senhorita Carraça tossiu.

— Ah. Mas essas pragas não são pragas verdadeiras. Pragas dessas são coisas como «raios partam» e «maldito sejas», percebes? Pra-

gas genuínas são mais como: «Espero que o teu nariz expluda e que as tuas orelhas sejam levadas para longe.»

— Acho que as pragas da Avó eram um pouco mais do que isso — disse Tiffany, com uma voz muito determinada. — E falava com os cães.

— Que tipo de coisas lhes dizia? — quis saber a Senhorita Carraça.

— Coisas como «anda cá», «corre para ali» e «assim está bem» — respondeu Tiffany. — Faziam sempre o que lhes dizia.

— Mas isso são apenas comandos de cães de pastor — disse a Senhorita Carraça, negando qualquer importância à informação. — Não é propriamente feitiçaria.

— Mas são familiares na mesma, não são? — retorquiu Tiffany, sentindo-se irritada. — As bruxas têm animais com que conseguem falar chamados familiares. Como o seu sapo.

— Não sou familiar — disse uma voz entre as flores de papel. — Sou ligeiramente presunçoso.

— E conhecia todos os tipos de ervas — insistiu Tiffany. A Avó Dores seria reconhecida como bruxa mesmo que Tiffany tivesse de passar o dia a discutir. — Conseguia curar qualquer coisa. O meu pai dizia que conseguia fazer uma empada de borrego ganhar patas e balir. — Tiffany baixou a voz. — Conseguia ressuscitar borregos...

Quase nunca se via a Avó Dores dentro de portas na primavera e no verão. Passava a maior parte do ano a dormir na velha cabana com rodas, que podia ser arrastada pelos montes atrás dos rebanhos. Mas, da primeira vez que Tiffany conseguia lembrar-se de ver a velha na quinta, estava ajoelhada diante do fogo, colocando um borrego morto num grande forno preto.

Tiffany gritara sem parar. E a Avó ergueu-a cuidadosamente, ainda que com alguma falta de jeito, sentou-a no colo, tranquilizou-a e chamou-lhe «minha pequena jiggit», enquanto os seus cães, no chão, Trovão e Relâmpago, a observavam com espanto canídeo. A Avó não se sentia muito à vontade com crianças porque não baliavam.

Quando Tiffany parou de berrar por falta de fôlego, a Avó pousou-a no tapete e abriu o forno e Tiffany viu o borrego voltar à vida.

Quando Tiffany cresceu um pouco mais, descobriu que «jiggit» significava «vinte» em Yan Yan Tethera, a antiga língua de contagem dos pastores. Os mais velhos continuavam a usá-la quando contavam coisas que consideravam especiais. Era a vigésima neta da Avó Dores.

Quando cresceu, compreendeu também tudo sobre o forno tépido que nunca ficava mais do que tépido, precisamente. A mãe colocava a massa de pão no interior para levedar e o gato Rateiro dormia lá dentro, por vezes sobre a massa. Era o sítio ideal para reanimar um borrego fraco que tivesse nascido numa noite de nevão e estivesse quase morto de frio. Era assim que funcionava. Não havia qualquer magia. Mas, dessa vez, fora magia. E não deixava de ser magia por descobrir como fora feito.

— Ótimo, mas continua a não ser exatamente feitiçaria — disse a Senhorita Carraça, voltando a despertá-la. — Seja como for, não precisas de ter uma bruxa na família para seres uma bruxa. Mas é claro que ajuda. Por causa da hereditariedade.

— Fala de talentos herdados? — perguntou Tiffany, franzindo o sobrolho.

— Em parte, suponho que sim — respondeu a Senhorita Carraça. — Mas pensava em chapéus pontiagudos, por exemplo. Se tiveres uma Avó que te possa deixar o seu chapéu pontiagudo, isso poupa uma grande despesa. São incrivelmente difíceis de encontrar, sobretudo os que são suficientemente fortes para suportar a queda de um telhado. A Senhora Dores tinha alguma coisa parecida?

— Não me parece — respondeu Tiffany. — Quase nunca usava chapéu, a não ser que o tempo estivesse muito frio. Usava uma velha saca de cereais como uma espécie de capuz. Hmm... Serve?

Pela primeira vez, a Senhorita Carraça pareceu um pouco menos rígida.

— Possivelmente... possivelmente... — respondeu. — Tens irmãs ou irmãs, Tiffany?

— Tenho seis irmãs — explicou Tiffany. — Sou a mais nova. A maior parte delas já não vive connosco.

— E, quando aconteceu, já não eras a mais nova porque tens um

irmãozinho querido — disse a Senhorita Carraça. — O único rapaz. Deve ter sido uma surpresa agradável.

Subitamente, Tiffany considerou o sorriso vago da Senhorita Carraça ligeiramente irritante.

— Como sabe que tenho um irmão? — perguntou.

O sorriso desapareceu. A Senhorita Carraça pensou: Esta criança é atenta.

— Foi só um palpite — respondeu. Ninguém gosta de admitir ter espiado vida alheia.

— Está a usar persicologia comigo? — perguntou Tiffany, irritada.

— Acho que queres dizer psicologia — corrigiu a Senhorita Carraça.

— Seja como for — continuou Tiffany. — Acha que não gosto dele porque os meus pais se preocupam muito com ele e o estragam com mimos, não é?

— Essa possibilidade ocorreu-me — disse a Senhorita Carraça, deixando de se preocupar com a sua espionagem. Era uma bruxa e ficava tudo dito. — Acho que foi por o teres usado como isco para atrair um monstro esfomeado. Isso fez-me pensar — acrescentou.

— É um chato! — exclamou Tiffany. — Ocupa-me o tempo e tenho sempre de o vigiar e não se cansa de pedir doces. Seja como for — prosseguiu —, tive de pensar depressa.

— Realmente — disse a Senhorita Carraça.

— A Avó Dores teria feito alguma coisa se soubesse que havia monstros no nosso rio — disse Tiffany, ignorando o assunto incómodo. — Mesmo que tivessem saído de livros. — E teria feito alguma coisa depois do que acontecera à velha Senhora Snapperly, acrescentou para si própria... Ouviam-na sempre que falava. «Fala por quem não tem voz», dizia-lhe sempre.

— Ótimo — disse a Senhorita Carraça. — E devia fazê-lo. As bruxas lidam com as coisas. Disseste que o rio era muito raso onde a Jenny se ergueu? E que o mundo pareceu enevoado e tremido? Ouviste um sussurro?

Tiffany alegrou-se.

— Sim. Ouvi pois!

— Ah. Há alguma coisa má a acontecer.
Tiffany pareceu preocupada.
— Posso pará-la?
— E agora estou um pouco impressionada — disse a Senhorita Carraça. — Disseste: «Posso pará-la?». E não: «Alguém pode pará-la?». Ou: «Podemos pará-la?». Isso é bom. Aceitas a responsabilidade. É um bom ponto de partida. E manténs a cabeça fria. Mas não. Não podes pará-la.
— Mas tratei da saúde à Jenny Dentes-Verdes!
— Foi um golpe de sorte — disse a Senhorita Carraça. — Pode haver algo pior do que ela a caminho, acredita. Acho que vai começar uma incursão de grandes dimensões aqui mesmo e, por mais esperta que sejas, rapariga, tens tantas hipóteses de sucesso como um dos teus borregos em noite de nevão. Mantém a distância. Vou tentar trazer ajuda.
— De quem? Do Barão?
— Céus, não. Não ajudaria nada.
— Mas protege-nos — disse Tiffany. — É o que a minha mãe diz.
— Protege? — perguntou a Senhorita Carraça. — Como? De quem?
— Bom... dos... ora... dos ataques, suponho. Dos outros barões, diz o meu pai.
— Tem um grande exército?
— Bom... hmm... tem o sargento Roberts, o Kevin, o Neville e o Trevor — disse Tiffany. — Conhecemo-los a todos. A sua principal função é guardar o castelo.
— Algum deles tem poderes mágicos? — perguntou a Senhorita Carraça.
— Uma vez, vi o Neville fazer um truque de cartas — respondeu Tiffany.
— De certeza que fará sucesso nas festas, mas talvez não seja muito útil contra algo como a Jenny — considerou a Senhorita Carraça. — Há outr... Há bruxas por aqui?
Tiffany hesitou.
— Havia a velha Senhora Snapperly — disse. Ó, sim. Vivera sozinha numa cabana estranha. Sem dúvida...

— Bom nome — disse a Senhorita Carraça. — Mas não me lembro de o ter ouvido antes. Onde está ela?

— Morreu no último inverno — respondeu Tiffany, lentamente.

— E, agora, diz-me o que não me dizes — disse a Senhorita Carraça, com sentidos afiados como uma lâmina.

— Hmm... as pessoas acham que mendigava... mas ninguém lhe abriu a porta e... hmm... a noite estava fria e... morreu.

— E era uma bruxa?

— Todos diziam que sim — disse Tiffany. Não queria falar daquele assunto. Ninguém nas aldeias em redor queria fazê-lo. E ninguém se aproximava das ruínas da cabana na floresta.

— Não concordas?

— Hmm... — Tiffany moveu-se com desconforto. — É que... o Barão tinha um filho chamado Roland. Acho que só tinha doze anos. E foi montar sozinho para a floresta no último verão e os cães regressaram sem ele.

— A Senhora Snapperly vivia nessa floresta? — perguntou a Senhorita Carraça.

— Sim.

— E as pessoas acham que o matou? — perguntou a Senhorita Carraça. Suspirou. — É provável que pensem que o assou no forno ou coisa parecida.

— Nunca disseram isso — continuou Tiffany. — Mas acho que terá sido alguma coisa assim.

— E o cavalo apareceu? — perguntou a Senhorita Carraça.

— Não — respondeu Tiffany. — E isso é estranho porque, se tivesse aparecido algures nos montes, alguém o teria visto...

A Senhorita Carraça uniu as mãos, fungou e esboçou um sorriso completamente desprovido de humor.

— Facilmente explicado — disse. — A Senhora Snapperly devia ter um forno muito grande, não?

— Não. Era bastante pequeno — recordou Tiffany. — Apenas vinte e cinco centímetros de profundidade.

— Aposto que a Senhora Snapperly não tinha dentes e falava sozinha, não? — disse a Senhorita Carraça.

— Sim. E tinha um gato. E era vesga — disse Tiffany. Saiu-lhe tudo de rompante: — Depois de ter desaparecido, foram à cabana e procuraram no forno, escavaram o jardim e atiraram pedras ao velho gato até morrer e expulsaram-na da cabana e fizeram uma pilha com os seus velhos livros no meio da cabana e deitaram-lhes fogo e queimaram a cabana até não restar nada e todos disseram que era uma bruxa velha.

— Queimaram os livros — disse a Senhorita Carraça num tom seco.

— Porque disseram que estavam escritos em linguagem antiga — disse Tiffany. — E tinham desenhos de estrelas.

— E quando foste ver, tinham mesmo? — perguntou a Senhorita Carraça.

Subitamente, Tiffany sentiu frio.

— Como soube? — perguntou.

— Sou boa a ouvir. Tinham?

Tiffany suspirou.

— Sim. Fui à cabana no dia seguinte e ainda havia algumas páginas a flutuar sobre as brasas. Encontrei parte de uma e tinha letras antigas e uma margem dourada e azul. E enterrei-lhe o gato.

— Enterraste o gato?

— Sim! Alguém tinha de o fazer! — disse Tiffany, enervando-se.

— E mediste o forno — disse a Senhorita Carraça. — Sei que o fizeste porque acabas de me dizer quanto media. — E porque medes pratos de sopa, acrescentou para si própria. «Que encontrei eu aqui?»

— Bom... sim. Foi isso que fiz. É que... era minúsculo! E se conseguisse fazer desaparecer um rapaz e um cavalo inteiro por magia, porque não fez o mesmo aos homens que vieram atrás dela? Não fazia sentido nenhum...!

A Senhorita Carraça silenciou-a com um gesto.

— E que aconteceu a seguir?

— A seguir, o Barão disse que ninguém se devia envolver com ela — disse Tiffany. — Disse que todas as bruxas encontradas nesta

terra seriam atadas e atiradas ao lago. Hmm... pode correr perigo — acrescentou, com incerteza.

— Consigo desatar nós com os dentes e tenho um Certificado de Natação de Primeira Categoria da Faculdade Quirm para Jovens Senhoras — disse a Senhorita Carraça. — Todo o tempo que passei a treinar saltos para a piscina completamente vestida foi bem aplicado. — Inclinou-se para diante. — Deixa-me adivinhar o que aconteceu à Senhora Snapperly — disse. — Sobreviveu durante o verão e até à queda das primeiras neves, certo? Roubou alimento dos celeiros e talvez as mulheres lhe dessem comida pela porta das traseiras quando os maridos não estivessem por perto? Suponho que os rapazes mais velhos lhe atiravam coisas quando a viam.

— Como sabe tudo isso? — perguntou Tiffany.

— Não é preciso ter grande imaginação, acredita — explicou a Senhorita Carraça. — E não era uma bruxa, pois não?

— Acho que era só uma senhora velha e doente que não dava proveito a ninguém, que cheirava um bocado mal e tinha um aspeto estranho por não ter dentes — disse Tiffany. — Limitava-se a ser parecida com uma bruxa das histórias. Qualquer pessoa com meio cérebro conseguiria percebê-lo.

A Senhorita Carraça suspirou.

— Sim. Mas, por vezes, é tão difícil encontrar meio cérebro quando nos faz falta.

— Não pode ensinar-me o que preciso de saber para ser uma bruxa? — perguntou Tiffany.

— Diz-me porque continuas a querer ser uma bruxa, recordando o que aconteceu à Senhora Snapperly?

— Para que esse tipo de coisa não volte a acontecer — respondeu Tiffany.

Até enterrara o gato da velha bruxa, pensou a Senhorita Carraça. Que tipo de criança era?

— Boa resposta. Poderás ser uma bruxa decente um dia — considerou. — Mas não ensino ninguém a ser bruxa. Ensino sobre bruxas. As bruxas aprendem numa escola especial. Apenas indico o caminho, se revelarem talento. Todas as bruxas têm interesses especiais e gostam de crianças.

— Porquê?
— Porque é muito mais fácil enfiá-las no forno — respondeu a Senhorita Carraça.
Mas Tiffany não se sentiu assustada. Apenas irritada.
— Isso foi uma coisa desagradável para se dizer — disse.
— As bruxas não precisam de ser agradáveis — disse a Senhorita Carraça, puxando um grande saco preto de baixo da mesa. — Alegra-me que prestes atenção.
— Existe mesmo uma escola para bruxas? — perguntou Tiffany.
— De certa forma, sim — respondeu a Senhorita Carraça.
— Onde?
— Muito perto.
— É mágica?
— Muito mágica.
— Um sítio maravilhoso?
— Não há outro igual.
— Posso ir lá por magia? Aparece um unicórnio para me levar ou algo assim?
— Porque deveria aparecer? Um unicórnio não passa de um cavalo que termina em bico. Não é motivo para entusiasmos — disse a Senhorita Carraça. — Um ovo, por favor.
— Onde posso encontrar essa escola ao certo? — perguntou Tiffany, passando-lhe o ovo.
— Aha. Parece-me uma pergunta de tubérculo — considerou a Senhorita Carraça. — Duas cenouras, por favor.
Tiffany entregou-lhas.
— Obrigada. Pronta? Para encontrar a escola das bruxas, sobe a um ponto alto aqui por perto, abre os olhos... — Hesitou.
— Sim?
— ... e volta a abrir os olhos.
— Mas... — começou Tiffany.
— Tens mais ovos?
— Não, mas...
— Então não há mais educação. Mas tenho uma pergunta para te fazer.
— Tem ovos? — perguntou Tiffany, hesitante.

— Ah! Viste mais alguma coisa junto ao rio, Tiffany?

O silêncio encheu subitamente a tenda. O som de má ortografia e geografia errática veio do exterior enquanto Tiffany e a Senhorita Carraça se entreolhavam.

— Não — mentiu Tiffany.

— De certeza? — perguntou a Senhorita Carraça.

— Sim.

Continuaram a olhar-se. Mas Tiffany conseguia olhar fixamente para um gato até o fazer desviar os olhos.

— Compreendo — disse a Senhorita Carraça, desviando o olhar.

— Muito bem. Nesse caso, diz-me, por favor... quando paraste à porta da minha tenda há pouco, disseste «Aha» no que me pareceu um tom de voz altivo. Estavas a pensar «é uma estranha tenda negra com uma placa misteriosa na entrada e entrar poderá ser o início de uma aventura» ou pensavas: «pode ser a tenda de uma bruxa malvada como acreditaram que era a Senhora Snapperly e poderá lançar-me um feitiço horrível assim que me ponha a vista em cima?» Podes deixar de me olhar fixamente. Tens os olhos a lacrimejar.

— Pensei as duas coisas — disse Tiffany, pestanejando.

— Mas, mesmo assim, entraste. Porquê?

— Para descobrir.

— Boa resposta. As bruxas são naturalmente metedidas — explicou a Senhorita Carraça, erguendo-se. — Preciso de ir. Espero que voltemos a encontrar-nos. Mas vou dar-te um conselho gratuito.

— Quanto vou ter de pagar?

— O quê? Acabo de dizer que era gratuito! — exclamou a Senhorita Carraça.

— Sim, mas o meu pai diz sempre que os conselhos gratuitos costumam revelar-se caros — disse Tiffany.

A Senhorita Carraça fungou.

— Podemos dizer que este conselho não tem preço — disse. — Estás a prestar atenção?

— Sim — disse Tiffany.

— Ótimo. Vejamos... se confiares em ti própria...

— Sim?

— ... e acreditares nos teus sonhos...

— Sim?

— ... e seguireis a tua estrela... — prosseguiu a Senhorita Carraça.

— Sim?

— ... serás igualmente vencida por pessoas que passam o seu tempo a trabalhar arduamente e a aprender coisas e que não foram tão preguiçosas como tu. Adeus.

A tenda pareceu ficar mais escura. Era o momento de partir. Tiffany deu consigo na praça, onde os outros professores desmontavam as bancas.

Não olhou em redor. Sabia o suficiente para saber que não o devia fazer. Ou a tenda continuaria no mesmo sítio, o que seria uma desilusão, ou teria desaparecido misteriosamente e isso teria sido preocupante.

Dirigiu-se para casa e pensou se deveria ter referido os homenzinhos ruivos. Não o fizera por muitos motivos. Já não tinha a certeza de os ter visto, sentia que não lhes teria agradado serem referidos e era bom ter alguma coisa que a Senhorita Carraça não soubesse. Sim. Era isso o melhor. Na sua opinião, a Senhorita Carraça era um pouco esperta de mais.

No caminho para casa, trepou à Colina de Arken, que ficava perto da aldeia. Não era muito alta, nem sequer era tão alta como os montes sobre a quinta e nem podia comparar-se às montanhas.

A colina era mais... discreta. Havia uma superfície plana no alto, onde nunca crescia nada, e Tiffany conhecia a história do herói que, outrora, ali defrontara um dragão, cujo sangue queimara o solo sobre o qual fora derramado. Havia outra história que falava de um tesouro sepultado sob a colina, defendido pelo dragão, e outra história que dizia que um rei estava sepultado ali com uma armadura de ouro maciço. Havia muitas histórias sobre a colina. Era surpreendente que o seu peso não a tivesse feito desabar.

Tiffany ergueu-se sobre o solo nu e contemplou a vista.

Conseguia ver a aldeia, o rio, a quinta onde vivia, o castelo do Barão e, além dos campos que conhecia, conseguia ver florestas cinzentas e charnecas.

Fechou os olhos e voltou a abri-los. Pestanejou e abriu-os mais uma vez.

Não havia nenhuma porta mágica, nenhum edifício invisível subitamente revelado, nenhum indício misterioso.

Mas, por um momento, o ar retiniu e sentiu um cheiro de neve.

Quando voltou a casa, procurou «incurção» no dicionário. Significava «invasão».

Uma incurção de grandes dimensões, dissera a Senhorita Carraça.

E, naquele momento, pequenos olhos ocultos observavam Tiffany do alto da prateleira...

Capítulo 3



CAÇA À BRUXA

A Senhorita Carraça tirou o chapéu, colocou a mão no interior e apuxou um pedaço de cordel. Com pequenos cliques e estalidos, o chapéu assumiu a forma de um chapéu de palha bastante velho. Apanhou as flores de papel do chão e espetou-as no sítio certo, com cuidado.

A seguir, disse:

— Fiu!

— Não podes deixar a miúda ir-se assim — disse o sapo, sentado sobre a mesa.

— Assim como?

— É óbvio que tem Primeira Visão e Segundos Pensamentos. É uma combinação poderosa.

— É uma sabichona — disse a Senhorita Carraça.

— Certo. Como tu. Impressionou-te, não foi? Sei que impressionou porque a trataste muito mal e fazes sempre isso a quem te impressiona.

— Queres ser transformado numa rã?

— Bom, vejamos... — disse o sapo, em tom sarcástico. — Pele melhor, pernas melhores, probabilidades de ser beijado por uma princesa aumentadas em cem por cento... sim. Quando estiver pronta, *madame*.

— Há coisas piores do que ser um sapo — disse a Senhorita Carraça, sombriamente.

— Experimenta ser um sapo um dia destes — disse o sapo. — Seja como for, gostei muito dela.

— Eu também — disse a Senhorita Carraça, animada. — Sabe que uma velha morre porque estes idiotas achavam que era uma bruxa e decide tornar-se uma bruxa para que não tentem fazê-lo outra vez. Um monstro rugiu no seu rio e acertou-lhe com uma frigideira! Conheces o ditado: «A terra encontra a sua bruxa»? Aposto que aconteceu aqui. Mas uma bruxa do cré? As bruxas gostam de granito ou basalto, rocha dura pelo chão abaixo. Sabes o que é o cré?

— Vais dizer-me — disse o sapo.

— São as conchas de biliões de biliões de minúsculas criaturas marinhas indefesas que morreram há milhões de anos — explicou a Senhorita Carraça. — São... ossos minúsculos. É macio. Húmido. Empapado. Até o calcário é melhor. Mas... cresceu no cré e é dura. E esperta. É uma bruxa nata. No cré! E isso é impossível!

— Bateu na Jenny! — lembrou o sapo. — A rapariga tem talento.

— Talvez, mas precisa de mais do que isso. A Jenny não é inteligente — disse a Senhorita Carraça. — Não passa de um Monstro Proibitivo de Grau Um. E estaria espantada por se ver num regato, quando o seu lar natural é a água estagnada. Haverá muito, muito pior do que ela.

— Que queres dizer com isso do «Monstro Proibitivo de Grau Um»? — perguntou o sapo. — Nunca ouvi ninguém chamar-lhe isso.

— Sou professora além de ser bruxa — recordou a Senhorita Carraça, ajustando o chapéu com cuidado. — Portanto, compilo listas. Faço avaliações. Escrevo coisas com letra firme e vistosa, usando canetas de duas cores. A Jenny é uma entre muitas criaturas inventadas pelos adultos para assustar as crianças, mantendo-as longe de sítios perigosos. — Suspirou. — Se, ao menos, as pessoas pensassem antes de inventarem monstros.

— Devias ficar e ajudá-la — disse o sapo.

— Quase não tenho poderes aqui — disse a Senhorita Carraça. — Já to disse. É o cré. E não te esqueças dos ruivos. Um Nac Mac Fegle falou-lhe! Avisou-a! Nunca vi um na vida! Se ela os tem do seu lado, quem pode saber do que será capaz?

Ergueu o sapo.

— Sabes o que aí vem? — continuou. — Todas as coisas presas nas velhas histórias. Todos os motivos para não nos desviarmos do cami-

nho ou para não abriremos a porta proibida ou para não dizermos a palavra errada ou para não entornarmos o sal. Todas as histórias que provocam pesadelos às crianças. Todos os monstros escondidos por baixo da maior cama do mundo. Algures, todas as histórias são reais e todos os sonhos se concretizam. E concretizar-se-ão aqui se não forem travados. Sem os Nac Mac Feegles, estaria muito preocupada. Vou levar, pelo menos, dois dias sem uma vassoura!

— É injusto deixá-la sozinha com eles — disse o sapo.

— Não ficará sozinha — disse a Senhorita Carraça. — Tem-te a ti.

— Ah — disse o sapo.

Tiffany partilhava o quarto com Fastídia e Hannah. Acordou quando as ouviu deitarem-se e ficou silenciosa na escuridão até ouvir as suas respirações acalmarem-se e perceber que tinham começado a sonhar com jovens tosquiadores sem camisa.

Lá fora, uma tempestade de verão iluminou as colinas e ouviu-se um trovão distante...

Trovão e Relâmpago. Conheceu-os como cães antes de os conhecer como o som e a luz de uma tempestade. A Avó tinha sempre os seus cães com ela, dentro ou fora de casa. Num momento, seriam manchas pretas e brancas correndo sobre a erva distante e, no momento seguinte, estariam ali, subitamente, arfando e não afastando os olhos da face da Avó. Metade dos cães das colinas eram filhos de Relâmpago, treinados pela Avó Dores.

Tiffany fora com a família ao grande Concurso de Cães Pastores. Todos os pastores do Cré assistiam e os melhores entravam na arena para mostrar a sua perícia a trabalhar com os cães. Os cães juntavam ovelhas, separavam-nas, levavam-nas para as cercas ou, por vezes, fugiam ou mordiam-se uns aos outros, porque até o melhor cão pode ter um mau dia. Mas a Avó nunca inscreveu Trovão ou Relâmpago. Debruçava-se sobre a cerca com os cães deitados à sua frente, observando atentamente as provas e fumando o seu cachimbo malcheiroso. E o pai de Tiffany dizia que, depois de cada pastor trabalhar os seus cães, os juízes olhavam nervosamente para a Avó Dores para ver o que

pensava. Todos os juizes a observavam. A Avó nunca entrava na arena porque o concurso era ela. Se a Avó achasse que alguém era um bom pastor, se acenasse com a cabeça a alguém que deixasse a arena, se fumasse o cachimbo e dissesse «serve»... era-se um gigante por um dia. Era-se dono do Cré...

Quando era pequena e visitava a Avó na chapada, Trovão e Relâmpago cuidavam dela, deitando-se a poucos metros e mantendo-se atentos enquanto brincava. E sentira-se tão orgulhosa quando a Avó a deixou usá-los para reunir um rebanho. Correria entusiasmada em todas as direções, gritando «para cá» e «ali!» e «corre». E os cães trabalharam na perfeição.

Sabia agora que teriam trabalhado na perfeição independentemente do que lhes tivesse gritado. A Avó estava por perto, sentada, fumando o seu cachimbo e, depois de tanto tempo, os cães conseguiam ler-lhe a mente. Apenas recebiam ordens da Avó Dores...

A tempestade amainou após algum tempo e seguiu-se o som gentil da chuva.

Nalgum momento, Rateiro, o gato, empurrou a porta e saltou sobre a cama. Era grande, mas conseguia dilatar ainda mais. Rateiro era tão gordo que, em qualquer superfície razoavelmente plana, alongava-se gradualmente numa grande poça peluda. Odiava Tiffany, mas nunca permitia que sentimentos pessoais o impedissem de encontrar um sítio quente para dormir.

Tiffany teria adormecido, porque acordou quando ouviu as vozes.

Pareciam muito próximas, mas, de alguma forma, muito baixas.

— Diacho! É muito fácil dizer: procurem a bruxa, mas que havemos nós de procurar, sabes dizer-me, moço? Acho estes gigantones todos iguais!

— O Geordie Não-Totalmente-Pequeno na pesca disse que era uma cachopa muito grande!

— Isso ajuda muito, na ajuda? São todas cachopas muito grandes!

— Sê par de doudos! Todos sabem que uma bruxa usa uma boina em bico!

— Então na podem ser bruxas quando tão a dormir, hã?

— Olá? — sussurrou Tiffany.

Silêncio, fundido com a respiração das irmãs. Mas, de uma forma que Tiffany não conseguia descrever com exatidão, era o silêncio de pessoas que se esforçavam muito para não fazerem qualquer ruído.

Debruçou-se e espreitou para baixo da cama. Não havia nada além das tralhas que lá arrumava.

Os homenzinhos que vira no rio falavam exatamente assim.

Permaneceu deitada, iluminada pelo luar, ouvindo até lhe doerem os ouvidos.

Depois, pensou como seria a escola de bruxas e porque ainda não a tinha visto.

Conhecia cada centímetro daquela terra numa extensão de três quilômetros em redor. O que preferia era o rio, com a bacia onde os lúcios-listrados apanhavam banhos de sol, rodeados pela erva nas margens onde os guarda-rios faziam os ninhos. Havia um bando de garças quilómetro e meio mais acima e gostava de se esgueirar até às aves quando desciam para pescar entre os juncos, porque não havia nada mais engraçado do que uma garça a tentar levantar voo à pressa...

Voltou a adormecer, pensando na terra que rodeava a quinta. Conhecia-a toda. Não havia sítios secretos que não conhecesse.

Mas talvez existissem portas mágicas. Era o que teria feito se tivesse uma escola de magia. Haveria portais secretos por todo o lado, mesmo a centenas de quilómetros de distância. Olhando para uma pedra especial, por exemplo, à luz da Lua, surgiria outra porta.

Mas a escola... Teria de haver lições que ensinassem a andar de vassoura e aguçar o chapéu, bem como refeições mágicas e muitos amigos novos.

— A moçoila dorme?

— Pois dorme. Na a ouço a mexer.

Tiffany abriu os olhos na escuridão. As vozes debaixo da cama ecoavam um pouco. Felizmente, a tralha debaixo da cama estava organizada e limpa.

— Atão, vamos sair deste penico.

As vozes moveram-se pelo quarto. Os ouvidos de Tiffany tentaram acompanhá-los, movendo-se.

— Ei! Tás a ver isto? É uma casa! Com cadeirinhas e tudo!

Encontraram a casa de bonecas, pensou Tiffany.

Era bastante grande, construída pelo Sr. Block, o carpinteiro da quinta quando a irmã mais velha de Tiffany, que já tinha dois bebês seus, era pequena. Não era uma peça muito frágil. O Sr. Block não apreciava delicadeza no seu trabalho. Mas, com os anos, as raparigas tinham-na decorado com pedaços de pano e com mobiliário resistente e prático.

Pelo seu entusiasmo, parecia que os donos das vozes achavam que era um palácio.

— Ei, ei, ei, tamos na fofura! Há uma cama neste quarto! Com almofadas e tudo!

— Quietos, na queremos que acorde!

— Diacho! Estou tão quieto como um ratinho! Aargh! Há tropas!

— Tropas? Mas que tropas?

— Há casacas-vermelhas no quarto.

Tinham encontrado os soldados de brincar, pensou Tiffany, tentando não respirar demasiado alto.

Na verdade, os soldados não deviam estar na casa de bonecas, mas Wentworth não tinha idade suficiente para eles e eram usados como espetadores quando Tiffany fazia chás para as bonecas. Para o que passava por bonecas. Os brinquedos que existiam na quinta tinham de ser resistentes para sobreviverem intactos às várias gerações e nem sempre conseguiam sê-lo. Da última vez que Tiffany tentara fazer um chá de bonecas, os convidados tinham sido uma boneca de trapos sem cabeça, dois soldados de madeira e três quartos de um pequeno urso de peluche.

Ouviu pancadas e estrondos vindos da casa de bonecas.

— Apanhei um! Ei, malandro, a tua mãe sabe costurar? Pede-lhe que cosa isto! Aargh! Tem a cabeça dura como uma árvore!

— Diacho! Tá aqui um corpo sem cabeça!

— E na admira porque tá aqui um urso! Prova a minha bota, sê sacana!

Parecia a Tiffany que, apesar de os proprietários das pequenas vozes lutarem contra adversários impossibilitados de reagir, incluín-

do um urso de peluche só com uma perna, o confronto não estava ganho.

— Apanhei-o! Apanhei-o! Apanhei-o! Vais apanhar das boas, mê peçonhento dum raio!

— Morderam-me a perna! Morderam-me a perna!

— Andem cá! Argh, tão a lutar contra vocês, sês tontos! Tou farto das vossas parvoeiras!

Tiffany sentiu Rateiro a agitar-se. Podia ser gordo e preguiçoso, mas tornava-se rápido como um relâmpago quando havia criaturas pequenas para apanhar. Não podia deixá-lo apanhar os... o que fossem, por mais que aquilo lhe soasse mal.

Tossiu alto.

— Tão a ver? — disse uma voz vinda da casa de bonecas. — Acordaram-na toda! Vou desandar!

O silêncio voltou a instalar-se e, daquela vez, Tiffany decidiu, após um momento, que era o silêncio de não haver mais ninguém por ali em vez do silêncio de pessoas que ficavam muito caladas. Rateiro voltou a adormecer, estremeçando ocasionalmente enquanto esventrava alguma coisa nos seus sonhos de gato gordo.

Tiffany esperou um pouco e saiu da cama, avançando para a porta do quarto e evitando pisar as tábuas do soalho que chiavam. Desceu as escadas às escuras, encontrou uma cadeira iluminada pelo luar, alcançou o livro de Contos de Fadas da Prateleira da Avó, ergueu o trinco da porta dos fundos e saiu, saudada pelo ar quente de uma noite de verão.

Havia muita neblina em redor, mas viam-se algumas estrelas por cima e uma Lua gibosa no céu. Tiffany sabia que era gibosa porque lera no Almanake que «gibosa» significava que a Lua era um pouco mais gorda do que a meia-lua e isso levou-a a prestar-lhe atenção nesses momentos para poder dizer a si própria: «Ah, vejo que a Lua está muito gibosa esta noite...»

É possível que isto vos diga mais sobre Tiffany do que ela gostaria que soubessem.

Contrastando com a Lua que se erguia, os montes eram uma muralha negra que preenchia o céu. Por um momento, procurou a luz da lanterna da Avó Dores...

...

A Avó nunca perdia um borrego. Era uma das primeiras memórias de Tiffany, de estar ao colo da sua mãe à janela, numa noite gelada no início da primavera, com um milhão de estrelas brilhantes cintilando sobre as montanhas e, na escuridão dos montes, a estrela amarela solitária da constelação da Avó Dores, ziguezagueando pela noite. Não se deitava enquanto um borrego estivesse percebido, por mais desagradável que fosse o tempo.

Havia um único sítio onde alguém poderia ter privacidade numa família grande. Na latrina. Tinha três buracos e era onde todos iam se quisessem ficar sozinhos durante algum tempo.

Estava equipada com uma vela e com o Almanake do ano anterior pendurado num cordel. Os editores conheciam bem os leitores e imprimiam o Almanake em papel macio e absorvente.

Tiffany acendeu a vela, instalou-se confortavelmente e olhou o livro de Contos de Fadas. A Lua gibou-se para ela pelo buraco em forma de crescente aberto na porta.

Nunca gostara realmente do livro. Parecia-lhe que tentava dizer-lhe o que devia fazer e o que devia pensar. Não se afastem do caminho, não abram essa porta, mas odeiem a bruxa má porque é má. Ah, e acreditem que escolher uma esposa pelo número que calça é boa estratégia.

Achava que muitas histórias eram bastante suspeitas. Havia uma que terminava quando as duas crianças ajuizadas empurravam a bruxa má para dentro do seu próprio forno. Tiffany ficou preocupada com isso depois da confusão com a Senhora Snapperly. Não tinha dúvidas de que histórias como aquela impediam as pessoas de pensarem da melhor forma. Lera essa e pensara: «Desculpem?» Ninguém tem um forno com tamanho suficiente para permitir enfiar uma pessoa inteira lá dentro e, afinal, porque pensaram as crianças que poderiam andar por aí a comer as casas das pessoas? E que direito tem um rapaz demasiado estúpido para saber que uma vaca vale muito mais de cinco feijões, para assassinar um gigante e roubar-lhe o ouro? E sem referir o ato de vandalismo ecológico cometido. E uma rapariga que não sabe distinguir entre um lobo e a sua avó seria burra como

uma porta ou faria parte de uma família de gente extremamente feia. As histórias não eram reais. Mas a Senhora Snapperly morrera por culpa delas.

Folheou página após página, procurando as ilustrações certas. Porque, sendo verdade que as histórias a irritavam, as ilustrações... bom, as ilustrações eram as coisas mais bonitas que alguma vez vira.

Voltou a página e ali estava.

A maioria das ilustrações de fadas não era muito impressionante. Francamente, pareciam uma aula de balé para rapariguinhas que tivessem atravessado uma moita de espinhos a correr. Mas aquela... era diferente. As cores eram estranhas e não havia sombras. Ervas e margaridas gigantes cresciam por toda a parte, o que significava que as fadas seriam bastante pequenas, mas pareciam grandes. Pareciam humanos muito estranhos. Não se pareciam muito com fadas. Quase nenhuma tinha asas. As suas formas eram estranhas. Aliás, algumas assemelhavam-se a monstros. As raparigas de tutu não teriam tido qualquer hipótese.

E o mais estranho era que, entre todas as ilustrações do livro, aquela parecia ter sido feita por um artista que tivesse desenhado o que tinha diante dos olhos. Os outros desenhos, as raparigas do balé e os bebés de fato-macaco tinham uma aparência fantasista e inventada. Aquele não. Aquele sugeria que o artista estivera presente...

... pelo menos na sua cabeça, pensou Tiffany.

Concentrou-se no canto inferior esquerdo e lá estava. Já o tinha visto antes, mas era preciso saber onde procurar. Era, sem dúvida, um homenzinho ruivo, nu, exceto por um *kilt* e um colete minúsculo, fazendo uma careta de desagradado a quem olhasse para a ilustração. Parecia muito furioso. E... Tiffany moveu a vela para ver melhor... estava, sem dúvida, a fazer um gesto com a mão.

Mesmo que não se soubesse que era um gesto obsceno, seria fácil de adivinhar.

Ouviu vozes. Empurrou a porta com o pé para ouvir melhor, porque uma bruxa ouve sempre conversas alheias.

Aquele som provinha do outro lado da sebe, de um campo onde não devia haver nada além de ovelhas à espera de irem para o mercado. As ovelhas não são conhecidas pelos seus diálogos.

Esgueirou-se cuidadosamente pela neblina da madrugada e descobriu um pequeno vão construído por coelhos, que lhe permitia uma visão aceitável.

Um carneiro pastava perto da sebe e a conversa vinha dele, ou melhor, vinha algures de entre a erva alta por baixo do carneiro. Seriam, pelo menos, quatro interlocutores e pareciam desagradados.

— Diacho! Queremos um monstrengo à maneira, não um monstrengo baratucho!

— Aargh, são todos iguais. Tanto faz! Vamos, rapazes, agarrem uma perna!

— Pois sim. Os bons tão arrecadados. Levamos o que pudermos!

— Fala baixo, tá bem?

— Aargh, na tá ninguém a ouvir! Muito bem, rapazes... yan... tan... teth'ra!

O carneiro ergueu-se um pouco e baliu alarmado enquanto começava a mover-se rapidamente pelo campo às arrecuas. Tiffany julgou ter captado um vislumbre de cabelo ruivo na erva que rodeava as patas, mas aquele desapareceu enquanto o carneiro era levado para a neblina.

Abriu caminho por entre a sebe, ignorando os ramos que a arranhavam. A Avó Dores não teria permitido que alguém roubasse uma ovelha, mesmo que fosse invisível.

Mas a neblina era densa e Tiffany começou a ouvir barulho vindo da capoeira.

As ovelhas que desapareciam às arrecuas podiam esperar. As galinhas precisavam dela. Uma raposa tinha conseguido entrar duas vezes nas duas semanas anteriores e as galinhas que tinham escapado quase não punham.

Tiffany correu pela quinta, prendendo a camisa de dormir em paus que serviam de apoio às ervilhas e nas groselheiras, e abriu a porta da capoeira de rompante.

Não havia penas no ar nem nada que se assemelhasse ao pânico criado por uma raposa. Mas as galinhas cacarejavam, excitadas, e Ameixas, o galo, movia-se nervosamente de um lado para o outro. Uma das galinhas parecia um pouco envergonhada. Tiffany ergueu-a.

Por baixo, havia dois homenzinhos minúsculos azuis e com cabelo ruivo. Cada um segurava um ovo nos braços. Olharam para cima com expressões muito culpadas.

— Aargh, não! — disse um. — É a cachopa! É ela a bruxa...

— Estão a roubar os nossos ovos — acusou Tiffany. — Como se atrevem?! E eu não sou uma bruxa!

Os homenzinhos entreolharam-se e, a seguir, olharam para os ovos.

— Cais ovos? — perguntou um

— Os ovos que estão a segurar — disse Tiffany, revelando clareza de espírito.

— O quê? Ah, estes? Atão são ovos, é? — perguntou o que tinha falado primeiro, olhando para os ovos como se nunca tivesse visto um antes. — Ele há coisas! E nós a pensar que eram... hmm... pedras.

— Pedras — repetiu o outro, nervoso.

— Rastejámos para baixo desta galinha para aquecermos um bocado — disse o primeiro. — E havia estas coisas todas. Pensámos que pudessem ser pedras e que fosse por isso que a pobre criatura na parava de cacarejar...

— De cacarejar — repetiu o segundo, acenando vigorosamente com a cabeça.

— ... por isso, tivemos pena da pobrezinha e...

— Devolvam... os... ovos — disse Tiffany, lentamente.

O que não fazia grande coisa acenou com a cabeça ao outro. O significado era «é melhor fazermos o que diz».

— Na se pode irritar uma Dores e esta é bruxa. Acertou na Jenny e nunca ninguém o tinha feito antes.

— Pois... na pensei nisso.

Os dois homenzinhos pousaram os ovos com muito cuidado. Um deles soprou mesmo a casca do seu e poliu-o de forma teatral com a bainha esfarrapada do *kilt*.

— Na há problema, nha senhora — disse. Fitou o outro. E, a seguir, desapareceram. Mas houve um indício de movimento arruivado e alguma da palha que cobria o chão junto à porta da capoeira ergueu-se no ar.

— Menina! — gritou Tiffany. Voltou a colocar a galinha sobre os ovos e dirigiu-se para a porta. — E não sou bruxa! Vocês são fadas ou

alguma coisa do género? E as nossas orelhas?... Ovelhas! — acrescentou.

A única resposta foi um ruído de baldes perto da casa, o que significava que havia gente a levantar-se.

Resgatou os Contos de Fadas, soprou a vela e voltou para dentro. A mãe acendia a fogueira e perguntou-lhe o que fazia acordada. Respondeu que ouvira algazarra na capoeira e fora ver se era outra vez a raposa. Não era mentira. Aliás, era uma explicação perfeitamente verdadeira, mesmo que não fosse absolutamente exata.

No geral, Tiffany era uma pessoa muito honesta, mas parecia-lhe que havia ocasiões em que as coisas não se dividiam com facilidade entre «verdadeiro» e «falso», podendo ser «coisas que as pessoas precisam de saber em dado momento» e «coisas que não precisam de saber em dado momento».

Além disso, não sabia ao certo o que sabia naquele momento.

Havia papas de aveia para o almoço. Comeu apressada, querendo regressar ao pasto para se ocupar das ovelhas. Podia haver rastos na erva ou alguma coisa assim...

Ergueu os olhos, não sabendo porquê.

Rateiro tinha estado a dormir à frente do forno. Agora ergueira-se, alerta. Tiffany sentiu um formigueiro na nuca e tentou perceber o que via o gato.

No armário, havia uma fileira de potes azuis e brancos que, habitualmente, não eram muito úteis para nada. Tinham sido deixados à sua mãe por uma tia idosa e esta orgulhava-se deles porque tinham bom aspeto, apesar de serem completamente inúteis. Havia pouco espaço na quinta para coisas inúteis com bom aspeto e aquelas eram tratadas como tesouros.

Rateiro observava a tampa de um dos potes. Erguia-se muito lentamente e, por baixo, vislumbrava-se cabelo ruivo e dois olhos pequenos e atentos.

A tampa voltou a baixar-se quando Tiffany a olhou fixamente. No momento seguinte, ouviu um rumor ténue e, quando olhou para cima, o pote balançava para trás e para diante e erguia-se uma pequena nuvem de pó do topo do armário. Rateiro olhava em redor, espantado.

Eram mesmo muito rápidos.

Ela correu para o pasto e olhou em redor. A neblina erguera-se da erva e as laverças despertavam nos montes.

— Se aquele carneiro não voltar imediatamente — bradou ao céu —, vai haver um ajuste de contas!

As palavras ecoaram pelas colinas. Depois, ouviu, de forma simultaneamente ténue e próxima, o som de pequenas vozes:

— Que disse a bruxa? — perguntou a primeira voz.

— Disse que haverá um ajuste!

— Cruzes, cruzes, cruzes! Agora é que tamos arrumados!

Tiffany olhou em redor, com a face escarlate de raiva.

— Temos um dever — disse, falando para o ar e para a erva.

Era uma coisa que a Avó Dores referira uma vez, quando Tiffany chorava um cordeiro. Tinha uma maneira antiquada de falar e dissera: «Somos como deuses para as bestas do campo, pequena *jiggit*. Decidimos quando nascem e quando morrem. Entre os dois tempos, temos um dever.»

— Temos um dever — repetiu Tiffany, baixando um pouco a voz. Olhou em redor. — Sei que me conseguem ouvir, sejam quem forem. Se o carneiro não voltar, haverá... sarilhos...

O canto das laverças ouviu-se sobre o pasto, tornando o silêncio mais profundo.

Tiffany tinha tarefas a fazer antes de poder dedicar mais tempo a si própria. Era necessário alimentar as galinhas, recolher os ovos e sentir-se um pouco orgulhosa do facto de haver mais dois do que poderia haver. Implicava trazer seis baldes de água do poço e encher o cesto da lenha junto ao forno, mas adiou estes trabalhos porque não lhe agradavam muito. Por outro lado, gostava bastante de mexer a manteiga. Dava-lhe tempo para pensar.

Quando for uma bruxa com chapéu pontiagudo e uma vassoura, pensou, enquanto movia o cabo da manteigueira, aceno com a mão e a manteiga ficará pronta sem esforço. E quaisquer diabretes ruivos que se atrevam a tentar levar os nossos animais serão...

Ouviu um ruído de água atrás de si, onde alinhara os seis baldes para levar ao poço.

Um deles estava agora cheio e a água ainda se agitava para trás e para diante.

Voltou a sua atenção para a manteiga como se nada tivesse acontecido, mas parou pouco depois e dirigiu-se à lata da farinha. Retirou um pequeno punhado de farinha e usou-a para salpicar o chão junto à porta, voltando à manteigueira.

Poucos minutos depois, voltou a ouvir água atrás de si. Quando se voltou, havia, claro, outro balde cheio. E, na farinha sobre o limiar da porta, via duas linhas de pequenas pegadas, uma para fora da leitaria e a outra regressando.

Tiffany mal conseguiu erguer um dos pesados baldes de madeira depois de cheio.

Então, pensou, também são incrivelmente fortes, além de serem incrivelmente rápidos. Estou a conseguir manter a calma.

Ergueu o olhar para as grandes traves de madeira que cobriam a leitaria e caiu um pouco de pó, como se alguma coisa tivesse fugido de repente.

Acho que será melhor pôr fim a isto imediatamente, pensou. Por outro lado, não fará mal nenhum esperar até todos os baldes estarem cheios.

— E depois, terei de encher a caixa da lenha na copa — disse em voz alta. Não perdia nada por tentar.

Recomeçou a mexer a manteiga e não se deu ao trabalho de mexer a cabeça quando ouviu a repetição do mesmo ruído aquático em quatro ocasiões atrás de si. Também não olhou quando ouviu ruídos baixos soando a *whooshwhoosh* e o som de toros de lenha a caírem na caixa. Só se voltou para ver quando os sons pararam.

A caixa da lenha estava cheia até ao teto e todos os baldes estavam cheios. A farinha estava completamente coberta de pegadas.

Parou de mexer a manteiga. Sentia que havia olhos a observá-la. Muitos olhos.

— Hmm... obrigada — disse. Não. Não podia ser assim. Soara nervosa. Deixou o cabo da manteigueira e endireitou-se, tentando parecer tão feroz quanto possível. — E o carneiro? — perguntou. — Não acreditarei que estão mesmo arrependidos até ver o carneiro regressar!

Ouviu balir no pasto. Correu até ao fundo da horta e espreitou sobre a sebe.

O carneiro regressava, às arrecuas e a grande velocidade. De-teve-se com um safanão a alguma distância da sebe e assentou as patas no chão quando os homenzinhos o libertaram. Um dos ruivos mostrou-se por um momento, empoleirado na sua cabeça. Soprou uma corneta, poliu-a com o *kilt* e desapareceu num piscar de olhos.

Tiffany regressou à leitaria parecendo pensativa.

Ó. Viu que a manteiga tinha sido mexida. Aliás, não apenas mexida, mas moldada em doze dourados e gordos retângulos sobre o mármore onde costumava fazê-lo. Havia até um ramo de salsa em cada um.

Pensou se seriam Castanhos. De acordo com os Contos de Fadas, os Castanhos faziam tarefas domésticas em troca de um pires de leite. Mas, na ilustração, tinham parecido criaturinhas alegres com longos capuzes pontiagudos. Os homenzinhos ruivos pareciam nunca ter bebido leite em toda a vida, mas talvez valesse a pena tentar.

— Bom — disse, em voz alta, continuando a sentir-se observada. — Serve. Obrigada. Agrada-me ver que se arrependem do que fizeram.

Pegou num dos pires do gato da pilha junto ao lava-louça, lavou-o com cuidado, encheu-o com leite que restara da manteiga, pousou-o no chão e afastou-se.

— São Castanhos? — perguntou.

Viu um borrão de movimento. O leite salpicou o chão e o pires girou sem parar.

— Vou interpretar isso como um não — disse Tiffany. — Então o que são?

Seguiu-se uma quantidade inesgotável de silêncio.

Agachou-se e espreitou por baixo do lava-louça. A seguir, viu atrás das prateleiras do queijo. Ergueu os olhos para as sombras escuras e com teias de aranha. Tudo parecia vazio.

E pensou: «Acho que preciso de um ovo de educação e depressa...»

...

Tiffany percorrera o caminho íngreme que descia da quinta até à aldeia centenas de vezes. Tinha menos de oitocentos metros e, ao longo dos séculos, o peso das carroças fizera-o assemelhar-se a uma ravina no cré que se transformava num ribeiro leitoso com a chuva.

Ia a meio do caminho quando começou o sussurro. As sebes res-tolharam sem vento. As laverças pararam de cantar e, mesmo que não tivesse prestado atenção ao seu canto, o silêncio repentino foi um choque. Nada é mais sonoro do que o fim de uma melodia que sempre esteve presente.

Quando levantou os olhos para o céu, foi como olhar através de um diamante. Cintilava e arrefeceu tão rapidamente como se tivesse entrado numa banheira cheia de água gelada.

A seguir, havia neve sobre o caminho e sobre as sebes. E o som de cascos.

Estavam no campo a seu lado. Um cavalo galopava sobre a neve, atrás da sebe que se transformara repentinamente numa muralha de branco.

Os cascos pararam. Houve um momento de silêncio e um cavalo caiu sobre o caminho, deslizando sobre a neve. Endireitou-se e o ca-va-leiro voltou os grandes olhos do cavalo para Tiffany.

O próprio cavaleiro não podia olhar para Tiffany. Não tinha cara. Nem uma cabeça onde a pudesse pendurar.

Correu. As botas escorregaram-lhe na neve enquanto se movia, mas, subitamente, sentiu a mente tão fria como o gelo.

Tinha duas pernas escorregando no gelo. Um cavalo escorregava com o dobro das pernas. Vira cavalos tentando descer a colina depois de um nevão. Tinha uma hipótese.

Ouviu um silvo atrás de si e um relinchar do cavalo. Arriscou olhar para trás. O cavalo perseguia-a, mas lentamente, entre passos e escorregadelas. Erguia-se vapor do seu corpo.

A meio da encosta, o caminho passava sob um arco de árvores, agora assemelhando-se a nuvens despenhadas com a sua carga de neve. E, além delas, Tiffany sabia que o caminho se nivelava. O ho-mem sem cabeça conseguiria alcançá-la em terreno plano. Não sabia o que aconteceria depois disso, mas estava certa de que a experiência seria desagradavelmente curta.

Flocos de neve caíram sobre ela enquanto passava por baixo das árvores e decidiu correr. Poderia conseguir chegar à aldeia. Corria depressa.

Mas e se lá chegasse? Que aconteceria depois? Nunca chegaria a uma porta a tempo. As pessoas gritariam e fugiriam. O cavaleiro sombrio não parecia alguém que se importasse com isso. Não. Teria de lidar com ele.

Se ao menos tivesse trazido a frigideira.

— Aqui, pequena bruxa! Quieta agora!

Olhou para cima.

Um minúsculo homem azul erguia a cabeça sobre a neve no topo da sebe.

— Estou a ser perseguida por um cavaleiro sem cabeça! — gritou.

— Na vai conseguir, piquena. Fique quieta. Olhe-o nos olhos!

— Mas não tem olhos!

— Diacho! É uma bruxa ou na é? Olhe-o nos olhos que na tem!

O homem azul desapareceu na neve.

Tiffany voltou-se. O cavaleiro trotava sob as árvores, agora que o cavalo se movia com maior segurança em terreno nivelado. Empunhava uma espada e olhava-a, realmente, com os olhos que não tinha. Voltou a ouvir o mesmo silvo de antes, fazendo lembrar o ruído de alguém que respirava. Não era agradável ouvi-lo.

Os homenzinhos observam-me, pensou. Não posso fugir. A Avó Dores não teria fugido de uma coisa sem cabeça.

Cruzou os braços e olhou com ferocidade.

O cavaleiro parou, como que intrigado. A seguir, impeliu o cavalo em diante.

Uma forma azul e vermelha, maior do que os outros homenzinhos, caiu das árvores. Aterrou na testa do cavalo, entre os seus olhos, e segurou uma orelha em cada mão.

Tiffany ouviu-o gritar:

— Toma lá prá caspa, sê assombrado! Cus cumprimentos do Yan Graúdo! — A seguir, o homem golpeou o cavalo entre os olhos com a cabeça.

Para espanto de Tiffany, o cavalo cambaleou.

— Ah sim? — gritou o minúsculo guerreiro. — És duro, és? Atão mais uma vez e com sentimento!

Daquela vez, o cavalo desequilibrou-se para o lado oposto, as patas traseiras escorregaram e desabou no chão.

Homenzinhos azuis saíram da sebe. O cavaleiro, tentando pôr-se de pé, foi coberto por uma onda azul e vermelha de criaturas gritantes... E desapareceu. A neve desapareceu. O cavalo desapareceu.

Os homens azuis permaneceram empilhados por um momento sobre a estrada quente e empoeirada. Um deles disse:

— Ó, diacho! Acertei cum pontapé na nha cabeça! — A seguir, também desapareceram, mas, por um momento, Tiffany viu borrões azuis e vermelhos a desaparecer na sebe.

As laverças voltaram a ouvir-se. As sebes tornaram-se verdes e floridas. Não havia um galho quebrado, uma flor perturbada. O céu era azul e sem o brilho do diamante.

Tiffany olhou para baixo. Via neve a derreter na biqueira das botas. Sentia-se estranhamente grata por isso. Significava que o que acabara de acontecer fora magia e não loucura. Porque, se fechasse os olhos, continuava a conseguir ouvir a respiração laboriosa do homem sem cabeça.

O que lhe fazia falta naquele momento era gente e acontecimentos banais. Mas, acima de tudo, queria respostas.

Não. O que queria, acima de tudo, era não ouvir a respiração laboriosa quando fechava os olhos...

As tendas tinham partido. Além de alguns pedaços partidos de giz, caroços de maçã, erva pisada e as inevitáveis penas de galinha, nada havia que provasse a presença dos professores naquele sítio.

Uma voz baixa disse:

— Psst!

Olhou para baixo. Um sapo saiu de baixo de uma folha.

— A Senhorita Carraça disse que voltarias — disse-lhe o sapo. — Suponho que haja coisas que precisas de saber, não?

— Tudo — disse Tiffany. — Estamos infestados de homenzinhos! Não percebo metade do que dizem! Não param de me chamar bruxa!

— Ah — disse o sapo. — Tens Nac Mac Feegles!
 — Nevou e, a seguir, não tinha nevado! Fui perseguida por um cavaleiro sem cabeça! E um dos... o que disseste que eram?
 — Nac Mac Feegles — repetiu o sapo. — Também conhecidos como *pictsies*⁵. Chamam a si próprios Homenzinhos Livres.
 — Um deles deitou abaixo o cavalo com cabeçadas! Caiu para o lado! E era um cavalo enorme!
 — Sim, isso parece típico de um Feegle — considerou o sapo.
 — Dei-lhes leite e viraram o pires!
 — Deste leite a Nac Mac Feegles?
 — Disseste que eram fadas!
 — Fadas não. *Pictsies*. Não bebem leite!
 — Vêm do mesmo sítio que a Jenny? — quis saber Tiffany.
 — Não. São rebeldes — respondeu o sapo.
 — Rebeldes? Rebeldes contra quem?
 — Toda a gente. Tudo — disse o sapo. — Agora pega em mim.
 — Porquê?
 — Porque há uma mulher ali junto ao poço que te olha com uma cara muito estranha. Põe-me no bolso do avental, por favor.
 Tiffany ergueu o sapo e sorriu à mulher.
 — Faço coleção de sapos prensados — disse.
 — Que bom, querida — disse a mulher, afastando-se sem perder tempo.
 — Não teve graça — disse o sapo, falando de dentro do avental.
 — Seja como for, as pessoas não prestam atenção — disse Tiffany. Sentou-se por baixo de uma árvore e retirou o sapo do bolso.
 — Os Feegles tentaram roubar-nos ovos e um carneiro — lembrou. — Mas consegui resgatá-los.
 — Resgataste alguma coisa aos Nac Mac Feegles? — perguntou o sapo. — Estavam doentes?
 — Não. Estavam um pouco... bom, na verdade, foram muito simpáticos. Até fizeram as tarefas por mim.

⁵ Novo trocadilho, desta vez entre *pixies* (fadas) e *picts* (pictos), povo da antiguidade que habitava a Escócia. (N. do T.)

— Os Feegles fizeram tarefas? — disse o sapo. — Nunca fazem nada! Não são nada prestáveis!

— Depois apareceu o cavaleiro sem cabeça — disse Tiffany. — Não tinha cabeça!

— É essa a principal exigência do cargo — referiu o sapo.

— Que se passa, sapo? — perguntou Tiffany. — São os Feegles que nos invadem?

O sapo pareceu algo receoso.

— A Senhorita Carraça não quer que lides com isso — disse. — Não tardará a regressar com ajuda...

— E chegará a tempo? — quis saber Tiffany.

— Não sei. Talvez. Mas tu não deves...

— Quero saber o que está a acontecer!

— Foi buscar outras bruxas — disse o sapo. — Hmm... acha que tu não devias...

— É melhor dizeres-me o que sabes, sapo — disse Tiffany. — A Senhorita Carraça não está aqui. E eu estou.

— Há outro mundo a colidir com este — explicou o sapo. — Pronto. Contente? É isso que acha a Senhorita Carraça. Mas está a acontecer mais rapidamente do que esperava. Os monstros estão a regressar.

— Porquê?

— Porque não há quem os impeça.

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Eu posso impedi-los — disse Tiffany.



Capítulo 4



OS HOMENZINHOS LIVRES

Não aconteceu nada no caminho de regresso à quinta. O céu permaneceu azul, nenhuma ovelha nos pastos se movia às arrecuas com grande velocidade e um ar de vazio quente pairava sobre tudo.

Rateiro estava no trilho que conduzia à porta das traseiras e tinha algo preso entre as patas. Mal viu Tiffany, tomou a presa nos dentes e contornou a casa a grande velocidade, movendo as patas com a rapidez de um gato culpado. Tiffany era demasiado hábil com um torrão de terra.

Pelo menos, não levava nada vermelho e azul na boca.

— Olha para ele — disse Tiffany. — Grande cobardolas gordo! Gostava de conseguir impedi-lo de apanhar passarinhos. É tão triste!

— Por acaso não tens um chapéu que possas usar? — perguntou o sapo do bolso do seu avental. — Odeio não conseguir ver.

Dirigiram-se à leitaria, onde Tiffany costumava ficar sozinha durante a maior parte do dia.

Nos arbustos junto à porta, decorria uma conversa abafada. O conteúdo era este:

— Que disse a pequena bruxa?

— Disse que quer que aquele gato deixe de rapinar os pobres passarinhos.

— Ah sim? Diacho! Na há problema!

...

Tiffany pousou o sapo na mesa com o cuidado possível.

— Que comes tu? — perguntou ela. Sabia que era delicado oferecer comida aos convidados.

— Habituei-me a lesmas, lagartas e similares — respondeu o sapo. — Não foi fácil. Não te preocupes se não tiveres nenhuma. Suponho que não esperavas receber a visita de um sapo.

— Que tal um pouco de leite?

— És muito amável.

Tiffany trouxe leite e despejou-o num pires. Observou enquanto o sapo se arrastava.

— Eras um príncipe garboso? — perguntou.

— Sim... bom... talvez... — disse o sapo, pingando leite da boca.

— Porque te enfeitiçou a Senhorita Carraça?

— A Senhorita Carraça? Não. Não conseguiria fazê-lo — explicou o sapo. — Transformar alguém num sapo e deixá-lo a pensar como humano é magia séria. Não. Foi uma fada-madrinha. Nunca irrites uma mulher com uma estrela na ponta de um pau, minha jovem. Têm mau feitio.

— Porque o fez?

O sapo pareceu envergonhado.

— Não sei — disse. — A minha memória está um pouco... nebulosa. Sei apenas que já fui uma pessoa. Pelo menos, acho que sei. Arrepiam-me. Às vezes, acordo a meio da noite e penso se fui mesmo humano. Ou se era apenas um sapo que a irritou ao ponto de me fazer pensar que já fui humano. Isso seria uma verdadeira tortura, não te parece? Imagina que não tenho um estado natural a que possa voltar. — O sapo voltou para ela os olhos amarelos. — Afinal, não pode ser muito difícil mexer com a cabeça de um sapo, pois não? Deve ser muito mais simples do que transformar um humano de setenta quilos em duzentos gramas de sapo. Para onde vai o resto da massa? Sobra? É muito preocupante. Tenho uma ou duas memórias de ser humano, claro, mas o que é uma memória? É só um pensamento no cérebro. Não podemos ter a certeza de que é real. Depois de comer uma lesma estragada, acordo aos gritos durante a noite, mas tudo o que me sai é um coaxar. Obrigado pelo leite. Estava muito bom.

Tiffany olhou para o sapo em silêncio.